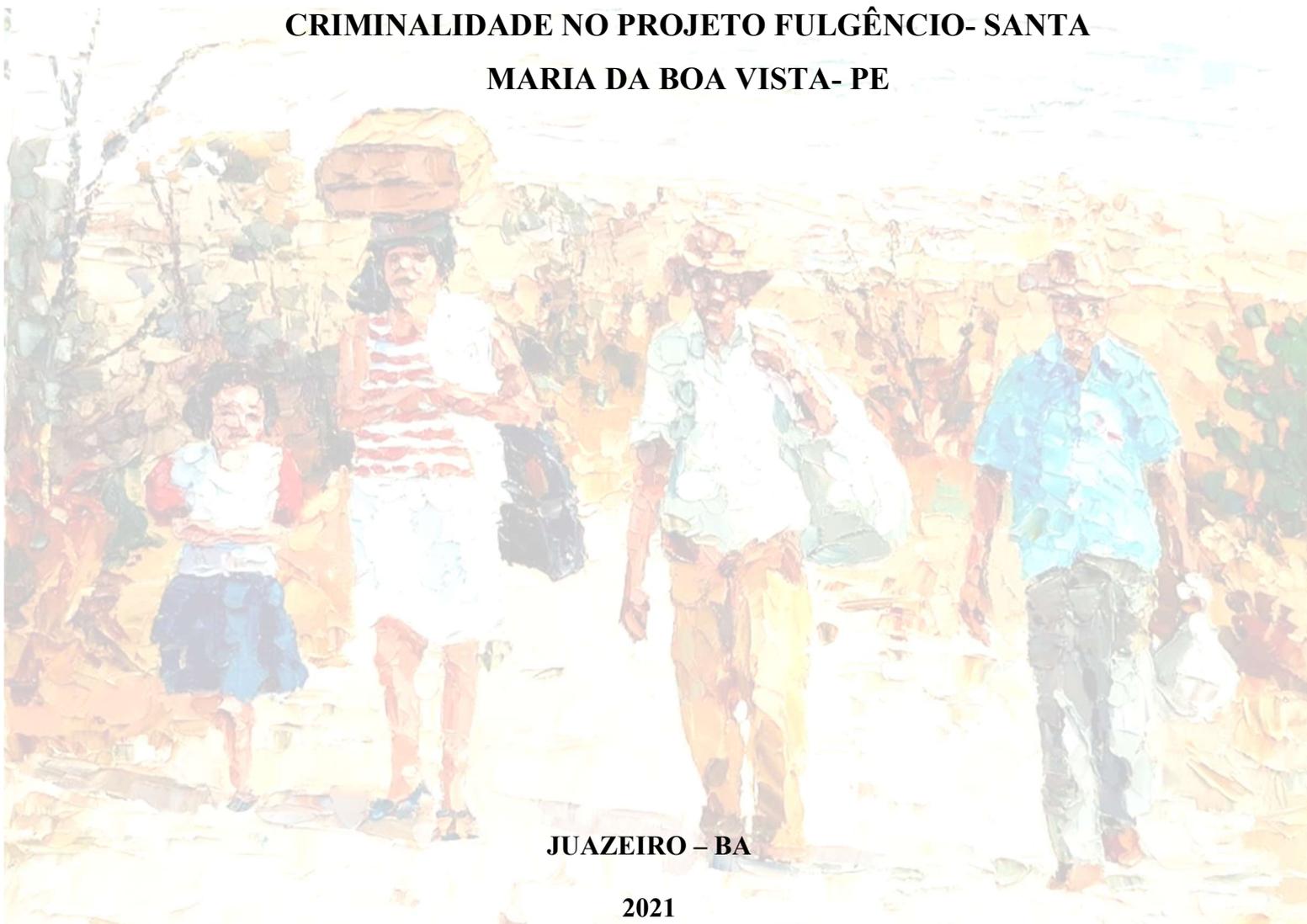


ANDERSON WAGNER SANTOS DE ARAÚJO

**A IDENTIDADE CULTURAL E O ÍNDICE DE
CRIMINALIDADE NO PROJETO FULGÊNCIO- SANTA
MARIA DA BOA VISTA- PE**



JUAZEIRO – BA

2021

ANDERSON WAGNER SANTOS DE ARAÚJO

**A IDENTIDADE CULTURAL E O ÍNDICE DE
CRIMINALIDADE NO PROJETO FULGÊNCIO- SANTA
MARIA DA BOA VISTA- PE**

Dissertação apresentada à Universidade do Estado da Bahia
– UNEB, Departamento de Tecnologias e Ciências Sociais,
Campus III, Juazeiro – Bahia, para obtenção do Título de
Mestre em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Batista dos Santos.

JUAZEIRO – BA

2021

©Todos os direitos estão reservados à Universidade Estadual da Bahia. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do autor, sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996, e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tornar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata, exceto as pesquisas que estejam vinculadas ao processo de patenteamento. Esta investigação será base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu respectivo autor seja devidamente citado e mencionado os seus créditos bibliográficos.

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB

A663i

Araújo, Anderson Wagner Santos

A identidade cultural e o índice de criminalidade no Projeto Fulgêncio- Santa Maria Da Boa Vista- PE / Anderson Wagner Santos Araújo. - Juazeiro, 2021.

65 fls.

Orientador(a): Prof. Dr. Carlos Alberto Batista dos Santos.

Inclui Referências

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Tecnologia e Ciências Sociais. Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental - PPGECOH, Campus III. 2021.

1.Ecologia humana e cultura. 2.Violência no reassentamento.
3.Criminalidade no sertão.

CDD: 306

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS – DTCS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTU SENSU* MESTRADO ACADÊMICO
EM ECOLOGIA HUMANA E GESTÃO SOCIOAMBIENTAL

Diretor do Departamento

Prof. Dr. Leonardo Diego Lins

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação

Mestrado em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental

Prof. Dra. Dinani Gomes Amorim

Juazeiro- BA

2021

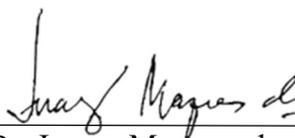
Anderson Wagner Santos de Araújo. A IDENTIDADE CULTURAL E O ÍNDICE DE CRIMINALIDADE NO PROJETO FULGÊNCIO- SANTA MARIA DA BOA VISTA- PE. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental (PPGEcoH) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental.

Aprovada em 29 de julho de 2021.

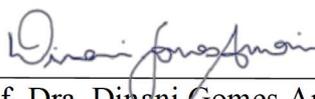
BANCA EXAMINADORA



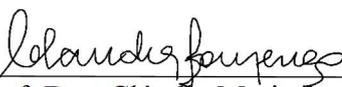
Prof. Dr. Carlos Alberto Batista dos Santos
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Orientador: Presidente da Banca



Prof. Dr. Juracy Marques dos Santos
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
(Examinador interno)



Prof. Dra. Dinani Gomes Amorim
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
(Examinadora interna suplente)



Prof. Dra. Cláudia Maria Lourenço
Faculdade de Ciências Aplicadas e Sociais de Petrolina- FACAPE
(Examinadora externa)

DEDICO

Ao Dom Henrique Soares da Costa, pai espiritual e formador;
À Nayane Nataly Lemos, amiga e parceira em tantas ocasiões;
Ao Nivaldo Ferreira dos Reis, que foi meu professor e também meu aluno;
Ao Lucas Alves, jovem médico e amigo que arduosamente lutou por salvar vidas;
Ao Cecílio Lima, primo de tantas lembranças da infância;

Que neste tempo pandêmico partiram como **vítimas do Covid-19**, que o ressoar do clamor da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte os embale de toda graça e da Luz Perpétua.

E ainda às minhas avós Maria das Dores Santos de Lima e Maria Duarte Araújo, (falecida há um mês) que velam por mim na eternidade. Aos meus avós Luiz de Lima, a quem sempre chamei de Pai Lula e ao Dr. Lídio da Silva, que hoje com 93 anos, tornou-se um menino e de perto tenho acompanhado.

É necessário agradecer aos que tornaram esse trabalho possível:

A **coordenação e aos professores do PPGEcoH**, pelo apoio, nas pessoas do **Prof. Dr. Carlos Alberto** e da **Professora Dra. Dinani Amorim**, que com grande esforço lutam por esse programa com imensurável comprometimento e seriedade.

Ao **Prof. Dr. Juracy Marques dos Santos**, por tanto acolhimento e que pra mim significa a Ecologia humana encarnada, pela sua busca de enxergar o ser humano de forma totalizante, na sua integralidade consigo, com os outros e com o meio. .

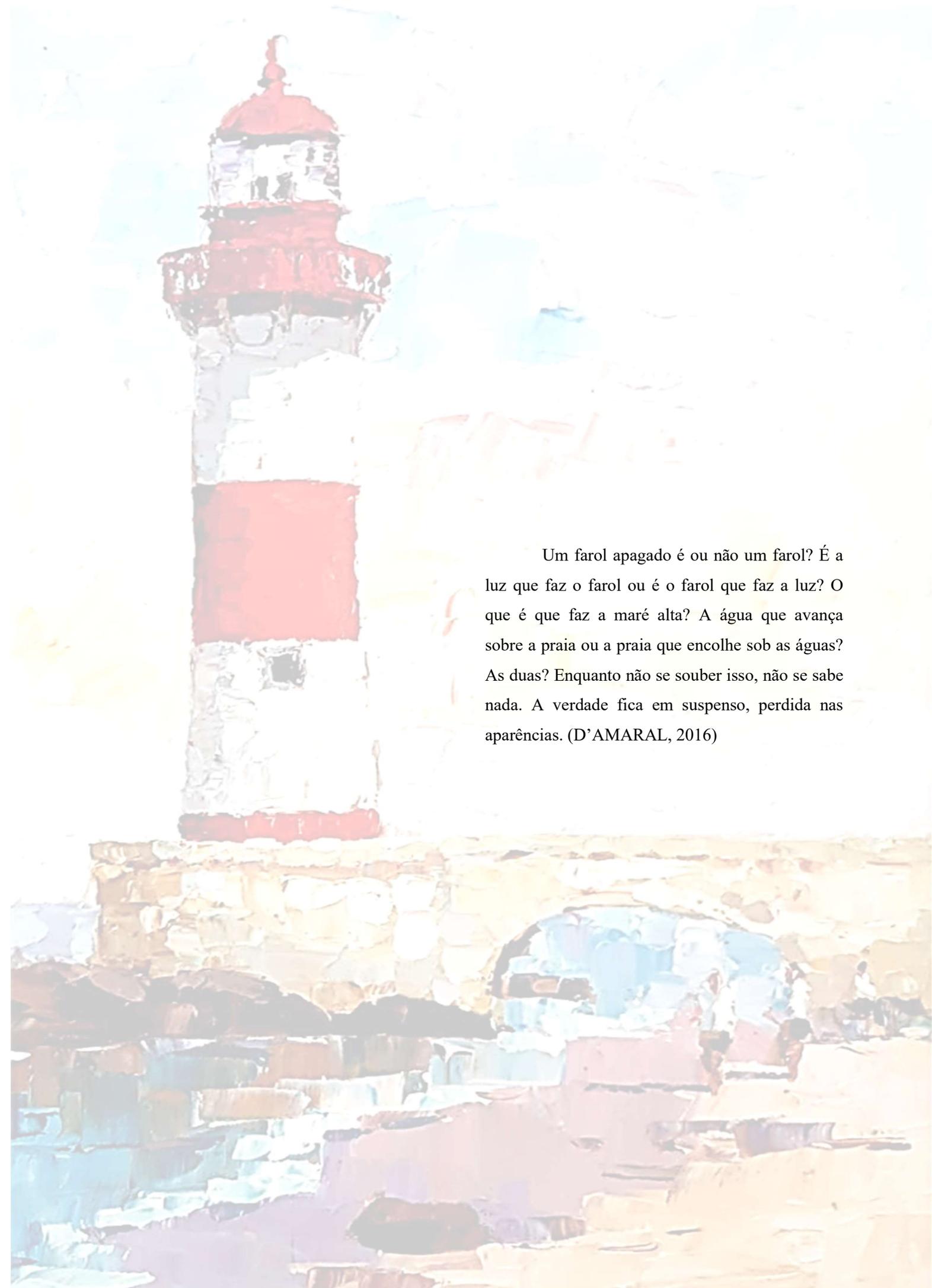
A **Universidade do Estado da Bahia – UNEB**, Departamento de Tecnologia e Ciências Sociais – DTCS, Campus III – Juazeiro, por se consolidar na minha vida como lugar que me tornou “atópico”, me tirou do lugar de conforto e permitiu perpassar vários territórios e descobrir novos horizontes, sejam quilombos, aldeias, povos, raças, credos e até lugares de afirmação.

A **Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia- FAPESB**, da qual sou bolsista, que viabiliza tantos projetos imprescindíveis não somente para a Bahia, mas para a humanidade.

Aos **colegas do PPGEcoH**, que se tornaram amigos e amigas. Cada um, por sua autenticidade existencial me permitiram conhecer outros mundos, adentrar em novas realidades, desde perspectivas sociais, políticas e até religiosas, me fizeram aprender a ter empatia na própria carne e um “escandaloso” respeito pelo que é sagrado ao outro. Também por serem exemplos de superação, (até de limitações físicas como a deficiência visual e de estarmos cursando o mestrado no tempo da pandemia do Covid-19, que impactou todos as áreas da sociedade em escala gigantesca) e de vontade disciplinada, que gera a verdadeira liberdade.

A **cada agrovila do Projeto Fulguêncio**, mais especificadamente as pessoas de mãos calejadas e pés cansados que habitam nessa terra, na labuta cotidiana, perseverantes na esperança.

Ao renomado artista **Sérgio Amorim**, sertanejo, que reside em Salvador-BA, que cedeu as suas relevantíssimas e belas obras, afim de ilustrarem o presente trabalho, tua arte é um refúgio, contemplá-la me faz concordar com Nietzsche (2008): “Temos a arte para não morrer ou enlouquecer perante a verdade. Somente a arte pode transfigurar a desordem do mundo em beleza e fazer aceitável tudo aquilo que há de problemático e terrível na vida.”



Um farol apagado é ou não um farol? É a luz que faz o farol ou é o farol que faz a luz? O que é que faz a maré alta? A água que avança sobre a praia ou a praia que encolhe sob as águas? As duas? Enquanto não se souber isso, não se sabe nada. A verdade fica em suspenso, perdida nas aparências. (D'AMARAL, 2016)

Figura 3- "O Farol de Itapuã" de Sérgio Amorim

A IDENTIDADE CULTURAL E O ÍNDICE DE CRIMINALIDADE NO PROJETO FULGÊNCIO- SANTA MARIA DA BOA VISTA- PE

Anderson Wagner Santos de Araújo

Agosto/2021

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Batista Santos

Amorim Área de Concentração: Gestão Socioambiental

Linha de Pesquisa: Gestão Socioambiental

Palavras-chave: Antropologia Cultural. Antropologia Criminal. Reassentamento forçado.

Número de páginas: 65

Resumo

O Projeto Fulgêncio é um perímetro irrigado criado pela CHESF (Companhia Hidrelétrica do Vale do São Francisco), criado para reassentar involuntariamente os atingidos pela barragem de Itaparica (Hidrelétrica Luiz Gonzaga), localizada entre os municípios de Glória na Bahia e Jatobá em Pernambuco. No ano de 1988 foram reassentadas forçadamente 1.545 famílias para o Projeto Fulgêncio, outrora conhecido como Projeto Caraíbas, localizado na zona Nordeste do município de Santa Maria da Boa Vista - PE, localizado a 615 km do Recife. O referido perímetro irrigado atualmente conta com 2.100 casas construídas em 47 agrovilas. A realocação da população foi feita pela CHESF através do processo de reassentamento, indenizando as pessoas pelos danos físicos e econômicos, no que diz respeito à propriedade (moradia e atividades econômicas), no entanto, histórias de vidas, valores culturais e imateriais foram totalmente submersos pelas águas da barragem de Itaparica.

O estudo apresenta um relevante conteúdo teórico acerca de teorias culturais, antropológicas e da ecologia humana. O primeiro artigo tem enfoque na ecologia humana e antropologia cultural do homem do sertão ribeirinho. O segundo, na identidade cultural no Projeto Fulgêncio, Santa Maria da Boa Vista-PE.

Para tanto, a metodologia aplicada foi a de pesquisa exploratória, com levantamento bibliográfico e de caráter qualitativo, perpassando por diversos autores que tratam acerca da cultura, antropologia cultural e antropologia criminal. A pesquisa se mostra de grande relevância, pois discute a temática da situação sociocultural do Projeto Fulgêncio que poderá servir como embasamento para implementação de políticas públicas da localidade.

CULTURAL IDENTITY AND CRIMINALITY INDEX IN THE FULGÊNCIO-SANTA MARIA DA BOA VISTA-PE PROJECT

Anderson Wagner Santos de Araújo

August/2021

Advisor: Doctor Carlos Alberto Batista Santos

Concentration Area: Social and Environmental Management

Research Line: Social and Environmental Management

Keywords: Cultural Anthropology. Criminal Anthropology. Forced resettlement.

Number of Pages: 65

Abstract

The Fulgêncio Project is an irrigated perimeter created by CHESF (São Francisco Valley Hydroelectric Company), created to involuntarily resettle those affected by the Itaparica dam (Luiz Gonzaga Hydroelectric Power Plant), located between the municipalities of Glória in Bahia and Jatobá in Pernambuco. In 1988, 1,545 families were forcibly resettled to the Fulgêncio Project, formerly known as the Caraíbas Project, located in the Northeast region of the municipality of Santa Maria da Boa Vista - PE, located 615 km from Recife. This irrigated perimeter currently has 2,100 houses built in 47 agrovilas. The relocation of the population was made by CHESF through the resettlement process, compensating people for physical and economic damage, with regard to property (housing and economic activities), however, life stories, cultural and immaterial values were totally submerged by the waters of the Itaparica dam.

The study presents relevant theoretical content about cultural, anthropological and human ecology theories. The first article focuses on the human ecology and cultural anthropology of man from the riparian hinterland. The second, on the cultural identity of the Fulgêncio Project, Santa Maria da Boa Vista-PE.

Therefore, the methodology applied was exploratory research, with a bibliographic and qualitative survey, passing through several authors who deal with culture, cultural anthropology and criminal anthropology. The research proves to be of great relevance, as it discusses the theme of the sociocultural situation of the Fulgêncio Project, which could serve as a basis for the implementation of public policies in the locality.

Figura 1- “Os retirantes”de Sérgio Amorim	CAPA
Figura 2- “A Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte" de Sérgio Amorim	06
Figura 3- "O Farol de Itapuã" de Sérgio Amorim	09
Figura 4- Mapa de Localização município de Santa Maria da Boa Vista – PE.....	20
Figura 5- Mapa Submédio do Vale do São Francisco	20
Figura 6- "O sertanejo" de Sérgio Amorim	23
Figura 7- “Os retirantes” da série Sertão de Sérgio Amorim	41
Figura 8- “A busca pela água” da série Sertão de Sérgio Amorim	60

Lista de abreviaturas e siglas

AD- Análise do discurso

BEPI – Batalhão Especializado de Policiamento do Interior

BG- Boletim geral

CHESF- Companhia Hidrelétrica do Vale do São Francisco

CODEVASF – Companhia do Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e Parnaíba

IBGE – Instituto Brasileiro Geográfico Estatística

MAB- Movimento dos atingidos por barragens

VBP- Valor bruto da produção

APRESENTAÇÃO	16
INTRODUÇÃO	18
PROPOSIÇÃO	22
CAPÍTULO I – ECOLOGIA HUMANA E ANTROPOLOGIA CULTURAL DO HOMEM DO SERTÃO RIBEIRINHO DO SÃO FRANCISCO	24
1 Introdução	24
2 Concepções de cultura	26
3 Ecologia humana e paidéia	29
4 O estereótipo do sertanejo na literatura brasileira do século XX	33
5 A cultura do sertanejo ribeirinho	35
6 Considerações finais	36
7 Referências	38
CAPÍTULO II – A IDENTIDADE CULTURAL NO PROJETO FULGÊNCIO, SANTA MARIA DA BOA VISTA	42
1 Introdução.....	42
2 Metodologia	47
3 Criminologia cultural	48
4 Reassentamento forçado	53
5 Considerações finais	55
6 Referências	56
DISCUSSÃO	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS (APRESENTAÇÃO, INTRODUÇÃO E DISCUSSÃO)	63

ANEXOS

Anexo I – Cara de Aceite

Anexo II- Carta de Aceite

Este trabalho é uma resposta, é uma demonstração do interesse em discutir temáticas culturais, antropológicas, jurídicas, entre outras, perpassadas pela Ecologia Humana, que leva o ser humano a encontrar-se consigo e perceber-se no meio quanto ser social. Elaborá-lo, refletir, pesquisar e escrever neste tempo, em que estamos vivendo em um mundo bem diferente do que estávamos habituados, mostrou-se um grande desafio. A realidade pandêmica que nos assola, nos fez ressignificar muitos dos nossos valores, percepções e relacionamentos. O distanciamento social, o confinamento e o *lockdown*, tolheram a liberdade de locomoção, para resguardar a vida, no entanto, a adaptação abrupta a virtualidade nas nossas relações e até no trabalho (*home office*) impactaram o que nós somos sociopsicologicamente. Neste tempo nos sentimos cobrados por produzir, mas muitas vezes faltam forças e um forte desânimo nos abate, o que não significa protelação, mas um tempo de aprendizado e maturação, extremamente necessário para a formação humana.

Estamos vivendo uma realidade bem diferente da que vivíamos no quando esse trabalho foi iniciado, não foi possível a realização do mesmo como se pretendia, as entrevistas que seriam presenciais aos idosos da comunidade se mostrou inoportuno e impossível, o acesso a alguns dados que seriam obtidos de forma presencial, também não se tornou viável, porém de forma reestruturada e de acordo com as atuais possibilidades apresentamos esta dissertação.

Para ilustrar a presente dissertação as obras do artista plástico Sérgio Amorim representam a nordestinidade sertaneja, sempre perpassadas pela técnica de luz e sombra. Neste tempo em que tantas sombras se lançam sobre a humanidade, as luzes trazem fé em dias melhores. Destaco a obra da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, que assumiu importante significado para a minha vida, por ocasião da perda da minha avó. Ao contemplar a obra, me senti imensamente tocado pela beleza, me remeti diretamente as obras de Merisi Caravaggio (1571-1610), que utilizou de forma sem igual a estética do *chiaroscuro* e da perspectiva como foco de luz. Um dos detalhes mais impressionantes deste artista é que ele não “fazia esboços” (ROBB, 2005, p. 26).

A técnica de sombra e luz caravaggesca, revolucionou a estética do *chiaroscuro*, ele a utiliza como pretensão de gerar dramaticidade. Ele afirmava que “não existe nada no escuro que não existe no claro”. Essa sua percepção se mostra também necessária neste tempo pandêmico em que vivemos, mesmo muitas vezes envoltos pelas sombras das circunstâncias, precisamos perceber que ainda existem luzes.

O primeiro capítulo consiste no artigo intitulado ECOLOGIA HUMANA E ANTROPOLOGIA CULTURAL DO HOMEM DO SERTÃO RIBEIRINHO DO SÃO FRANCISCO, aceito para a publicação na ID ONLINE Revista Multidisciplinar e de Psicologia, tem por escopo conceituar a antropologia cultural e analisá-la sob o prisma da formação e vivências do homem do sertão, ribeirinho do Rio São Francisco. Nele são apresentados diferentes conceitos culturais e como eles se relacionam com a vivência do sertanejo ribeirinho, perpassado por dilemas existenciais, fruto da sua singularidade e unicidade, mas também pelos desafios da vida em coletividade, decorrente da pluralidade e multiplicidade de visões de mundo.

Nele se abordada ainda a perspectiva da Ecologia Humana, em seus diversos conceitos, a partir do olhar da Paidéia, forma de ensinamento grego, que busca formar o homem em sua integralidade. O capítulo inaugural apresenta ainda a antropologia em seu objeto de estudo. Em suma, busca analisar o sertanejo ribeirinho do São Francisco, além do determinismo biológico e geográfico, de forma dinâmica e possuidora de diversidades, que No mesmo foi adotada metodologicamente a pesquisa bibliográfica, de caráter exploratório, em abordagem científica de dimensão qualitativa. Está dividido em quatro subtemas, concepções de cultura, ecologia humana e a paidéia, o estereótipo do sertanejo na literatura brasileira do século XX e a cultura do sertanejo ribeirinho.

O segundo capítulo é intitulado A IDENTIDADE CULTURAL NO PROJETO FULGÊNCIO, SANTA MARIA DA BOA VISTA-PE, aceito para a publicação na Revista Brazilian Journal of Development, tem por escopo analisar as possíveis modificações na identidade cultural dos reassentados nas agrovilas que formam o Projeto Fulgêncio, composto por atingidos pela construção da barragem hídrica de Itaparica. A metodologia é de um estudo exploratório qualitativo descritivo, tem por objetivo geral: analisar as possíveis mudanças na identidade cultural da localidade, decorrentes do reassentamento involuntário e constatar se é possível correlacioná-las ao elevado índice de criminalidade na localidade. Além disto pretende-se buscar a compreensão de quanto o processo cultural pode influenciar antropológica e socialmente. Está dividido nos subtemas, criminologia cultural e reassentamento forçado.

O interesse pelo tema A IDENTIDADE CULTURAL E O ÍNDICE DE CRIMINALIDADE NO PROJETO FULGÊNCIO- SANTA MARIA DA BOA VISTA- PE surgiu em decorrência de algumas visitas à localidade, para fins de instrução em processos jurídicos de natureza criminal. Era recorrente a necessidade de se fazer presente no Projeto, em virtude da prática de homicídios, efetuados de forma dolosa, muitas vezes com qualificadoras. Surgiu o anseio de compreender as questões que ensejavam a incidência deste crime em grande escala.

A segunda motivação para a pesquisa, se deu ao perceber na localidade, de forma empírica, que havia uma grande quantidade de crianças nas ruas das agrovilas, algumas trabalhando e algumas outras brincando, mas de forma violenta. Ao adentrar, em 2017, em uma escola, poucas crianças de faziam presentes.

Uma terceira motivação originou-se da escuta de algumas senhoras da comunidade, que narravam como viviam antes do reassentamento forçado, alegavam ter saudade, não ter mais como visitar os túmulos dos seus familiares e até das celebrações. Elas na ocasião, rezaram em latim, de forma informal e nordestinada, com um o sotaque próprio e sem sentido, traduzindo algumas palavras para conferir algum significado, mas para elas, esta era a “reza que Deus ouvia”.

A quarta motivação surgiu com o desejo de perceber o que se perdeu com o reassentamento forçado e o que se modificou, tentando compreender se a incidência da violência que assola a comunidade está relacionada ao fenômeno da migração, em decorrência da construção da barragem hidrelétrica de Itaparica e ainda, de compreender o cenário cultural da localidade, para apresentar a possibilidade da implementação de políticas públicas que corroborem no combate à violência no perímetro irrigado.

A proposta de estudar essa temática relaciona-se diretamente a Ecologia humana, Félix Guatarri na sua obra “As Três Ecologias”, (1990) diferenciou a ecologia em vários e novos campos de atividade, que se reúnem num conceito de Ecologia Integral, a qual divide-se em i. Ecologia Pessoal, que visa à saúde física, emocional, mental e espiritual do ser humano como estratégia fundamental para o desenvolvimento da paz e da ecologia integral; ii. Ecologia Social que busca a integração do ser humano com a sociedade, o exercício da cidadania, da participação e dos direitos humanos, a justiça social, a simplicidade voluntária e o conforto essencial, a escala humana, a cultura de paz e não-violência, a ética da diversidade, os valores universais, a inclusividade, a multi e a transdisciplinariedade; e a iii. Ecologia Ambiental, a

qual objetiva a integração do ser humano com a natureza facilitando o processo de transformação no sentido da redução do consumo e do desperdício, do incentivo à reutilização e a reciclagem dos recursos naturais, bem como da preservação e defesa do meio ambiente e de sociedades ecologizadas.

Desta forma esta pesquisa estaria relacionada principalmente a Ecologia Social, na busca por promover a cultura da não-violência, destaque-se que ainda a relação da mesma com o que compreende Park (1970), o ser humano é dotado de relações ecológicas inter e intraespecíficas, as quais podem ser modificadas de acordo com as necessidades de recurso da espécie. Essas modificações em meio à necessidade de adaptação do homem a novas matrizes de desenvolvimento é o objeto de estudo da Ecologia Humana, a qual permite uma análise histórica da adaptação humana ao ambiente.

A Ecologia Humana passou por diversas transformações tendo em vista a melhor compreensão sobre os sistemas de relação humano/humano e humano/ambiente. Portanto, faz-se necessário estabelecer parâmetros comparativos sobre os conceitos e definições de Ecologia Humana, tendo em vista sua inter e pluridisciplinaridade. (CAMPBELL, 1988).

Ainda nesta introdução se faz necessário apresentar alguns elementos históricos e geográficos, acerca do Projeto irrigado, objeto de estudo, situado no município de Santa Maria da Boa Vista – PE, que está localizado na região Nordeste do Brasil, situado no Semiárido brasileiro no Estado de Pernambuco, na região denominada Submédio do Vale do São Francisco. Este município do interior de Pernambuco, está situado a 644 Km de distância da capital, com uma área territorial de 3.001.512 Km², sendo que apenas 44,8 Km² está situado em perímetro urbano. O acesso a capital Recife pode ser feito através das estradas federais BR–428 e BR–232. A população é estimada em 41.758 habitantes, a densidade demográfica é de 71,87, sendo o terceiro maior município em área territorial do Estado de Pernambuco, sendo o seu maior contingente de sua população 63% (26.308 habitantes) residente no campo (IBGE 2010).

Santa Maria da Boa Vista possui diversas regiões: Ribeirinha (a margem e nas ilhas do Rio São Francisco), os territórios Quilombolas, os territórios da reforma agrária (assentamentos e acampamentos), a área de sequeiro ou área da caatinga e o Projeto de Irrigação Fulgêncio.

Destaque-se que mais de 98% da área rural do município é de minifúndio e a agricultura praticada no município é agricultura familiar. As atividades desenvolvidas são de agricultura de subsistência, fruticultura e a pecuária predominante é a caprinovinocultura. É um município eminentemente agrícola, toda a economia depende da agricultura e da pecuária

heterogeneamento do discurso. O sujeito para a análise do discurso é uma posição material linguístico-histórica. O que importa para Lacan é aquele que é feito no discurso, na alteridade do simbólico. O autor ainda ratifica que o ponto de partida do sujeito na AD é o Outro da linguagem e historicidade.

O presente se propõe a (I) analisar as mutações na identidade cultural da população do Projeto Fulgêncio, em Santa Maria da Boa Vista-PE, decorrentes do reassentamento involuntário e constatar se é possível correlacioná-las ao elevado índice de criminalidade na localidade, (II) apresentar diferentes teorias culturais, da ecologia humana, antropologia cultural e antropologia criminal e correlacioná-las à comunidade estudada. (III) identificar se os fatores socioculturais, socioeconômicos e a presença ou ausência de políticas públicas na localidade, podem ser correlacionadas as taxas de criminalidade no perímetro irrigado e ainda (IV) investigar como os diferentes atores sociais vivem e experimentam a cultura interagindo e criando significados aos objetos e às suas ações relacionadas ao mundo da política e da presença ou ausência do Estado.

Quanto às hipóteses a primeira consiste em que a identidade cultural passou por grandes perdas e mudanças bruscas oriundas do reassentamento involuntário, em decorrência disto, existe um alto índice de criminalidade, a segunda de não ter existido forte mudança na identidade cultural e o elevado índice de criminalidade está ligado a ausência do Estado na localidade.



CAPÍTULO I

Figura 6- "O sertanejo" de Sérgio Amorim

ECOLOGIA HUMANA E ANTROPOLOGIA CULTURAL DO HOMEM DO SERTÃO RIBEIRINHO DO SÃO FRANCISCO

Anderson Wagner Santos de Araújo¹

Prof. Dr. Carlos Alberto Batista Santos²

RESUMO

O presente trabalho tem por escopo conceituar a Ecologia humana e a Antropologia cultural e analisá-las sob o prisma da formação e vivências do homem do sertão ribeirinho do Rio São Francisco. Serão apresentados diferentes conceitos culturais e como eles se relacionam com a vivência deste homem, perpassado por dilemas existenciais, fruto da sua singularidade e unicidade, mas também pelos desafios da vida em coletividade, decorrente da pluralidade e multiplicidade de visões de mundo. Será abordada ainda a antropologia em seu objeto de estudo, que versa sobre o ser humano de forma integral e totalizante, mesológica e somatológica. Este artigo busca analisar o sertanejo ribeirinho do São Francisco, além do determinismo biológico e geográfico, de forma dinâmica e possuidora de diversidades. Quanto a metodologia, no mesmo foi adotada a pesquisa bibliográfica de caráter exploratório, em abordagem científica de dimensão qualitativa. Como resultado da pesquisa se perceberá que a herança cultural do sertanejo ribeirinho, embora seja fortemente marcada por elementos comuns, é diversa e dinâmica, e que o sentimento de pertencimento é fator de harmonia social que propicia a criação de regras de convivência.

Palavras-chave: Antropologia. Cultura. Herança Cultural. Rio São Francisco.

1 INTRODUÇÃO

As pessoas e os diversos grupos sociais acumulam conhecimentos. Criam costumes e adotam determinados comportamentos. Dessa forma surgem as culturas. Algumas delas são milenares, centenárias, outras porém são bem recentes. Há compatibilidades, mas também divergências entre as diversas propostas culturais. Diante dos contrastes e das contradições não tão poucas vezes violentas, é importante que cada cultura se mantenha aberta ao diálogo a fim de ganhar a oportunidade de se renovar, justamente por ser enriquecida por algo que antes desconhecia ou por algo que já existia nela, porém, sem estar em evidência.

1 Mestrando em Ecologia Humana na UNEB, Bacharel em Teologia, Licenciado em Filosofia e Pedagogia, Bacharel em Direito, Advogado, Produtor cultural. Bolsista da FAPESB, E-mail: anderson.wagnerxto@hotmail.com

2 Doutor em Etnobiologia e Conservação da Natureza – UFRPE. Professor Assistente da Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Tecnologia e Ciências Sociais. Professor do Programa de Ecologia Humana e Gestão Socioambiental DTCS/UNEB. E-mail: cacobatista@yahoo.com.br

A palavra cultura indica uma realidade complexa. Ao usar uma imagem pode ser dito que a cultura é como o ar que respiramos, seja ele puro ou poluído. Ou, com palavras mais abstratas: a cultura é o ambiente construído pelo ser humano e dentro do qual ele existe, algo que há de favorecer o esforço de quem busca sua sobrevivência e sua convivência com os demais.

Não obstante, a cultura é algo dinâmico, constantemente reconstruída pelas reflexões individuais e coletivas que buscam atribuir um sentido à realidade como um todo e à existência de cada um, para que algo mais bem definido e consensual possa nortear e estruturar a resposta dada ao presente da vida.

Segundo Ferreira (2009), houveram diversas tentativas da ampliação do significado de cultura. No território brasileiro o antropólogo Roque de Barros Laraia explica que no século XIX, os antropólogos da primeira escola (evolucionista) tentaram definir de forma percussora o significado de cultura. Laraia creditou que a palavra cultura era oriunda da língua germânica numa palavra específica, *Kultur*, de simbolismo referente aos aspectos espirituais de uma sociedade e a palavra francesa *Civilization*, referia as relações materiais de um povo. Já Edward Tylor, da escola britânica reuniu estes dois termos a constituir a palavra *Culture* no vocabulário do inglês britânico que reconhece qualquer capacidade ou hábitos que um homem adquire na sociedade, porém Tylor é um dos representantes do Evolucionismo Cultural, primeira das teorias antropológicas, que as semelhanças das culturas no globo se dá pela observação da sobrevivência de culturas mais antigas que se encontra “em vigor nos povos primitivos”. Assim segundo o autor cita-se:

Todos os povos, mesmo os mais primitivos, tiveram e têm uma cultura, transmitida no tempo, de geração a geração. Mitos, lendas, costumes, crenças religiosas, sistemas jurídicos e valores éticos refletem formas de agir, sentir e pensar de um povo e compõem seu patrimônio cultural. (TYLOR, 1871)

Para Leslie White (2009) a evolução cultural é um processo formal e temporal de maneira continuada e acumulativa composta de progressividade com os fenômenos culturais sistematicamente organizados nas mudanças, tornando este estágio sucessivo. Divergente de Tylor, White participou com defensor da escola do Neo-evolucionismo Cultural no início do século XX, na qual a evolução social e seus estudos estão intrinsecamente relacionados a evolução tecnológica. A mais recente das teorias adotadas vem a ser o Estruturalismo, Strauss preocupa-se com a veracidade dos fatos em relação a mente humana, na qual se aplica a análise linguística estrutural de Saussure na antropologia. A antropologia busca um conhecimento

sobre o homem em sua totalidade, nos seus modos e produções, sua estrutura antropomórfica, psíquica, e a busca da compreensão das manifestações da cultura.

A antropologia cultural segundo Heberer (1967), atua com maior amplitude, o estudo do ser humano como um ser cultural. Investigando suas culturas que situam ao longo da história, como elas surgem, se desenvolvem, os pontos de convergência e divergência entre elas, tendo como foco o comportamento humano, assim é uma ciência de observação, não só cultural mas comportamental, dos corpos daqueles que estão agindo culturalmente e da relação entre os comportamentos genéticos e aqueles adquiridos por aprendizado.

A cultura da região nordeste brasileira apresenta singularidades na fé, na música, nas vestes próprias que se adequam as condições climáticas, no conhecimento empírico transmitido intergeracionalmente. Por ser uma região de grande dimensão geográfica, nas sub-regiões algumas destas particularidades sofrem mutações, no entanto, se percebe uma forte identidade cultural sub-regional, a exemplo da população ribeirinha no Vale do São Francisco.

Para este estudo será apropriado os conhecimentos expressos na literatura de informação pré-modernista na escrita de Euclides da Cunha em seu relato social jornalístico em “Os Sertões”, no qual é apresentado o contexto histórico-social e da fauna e flora do sertão nordestino e ainda se lastreará nas percepções extraídas da obra da segunda fase regionalista do modernismo brasileiro, fantasiada no romance de “Grande Sertão: Veredas” por Guimarães Rosa.

Esta análise possuiu um caráter exploratório, utilizando um procedimento essencialmente bibliográfico, incluindo-se o uso de livros e artigos científicos eleitos pelo critério de respaldo científico acerca da temática. No que concerne à abordagem, se propôs a dissertar sobre a antropologia cultural do homem nordestino. O método empregado foi o comparativo antropológico (GIL, 2002), uma vez que se confrontaram várias posições conceituais acerca da cultura. O estudo se divide em três seções: concepções de cultura, o estereótipo do sertanejo na literatura brasileira do século XX e a cultura do sertanejo ribeirinho.

2 CONCEPÇÕES DE CULTURA

Por meio da endoculturação ou enculturação, processo cultural denominado pela Antropologia como é aquele por meio do qual os indivíduos aprendem o modo de vida da sociedade na qual nascem, adquirem e internalizam um sistema de valores, normas, símbolos, crenças e conhecimentos. São, por assim dizer, condicionados a um padrão cultural. Endoculturação significa interiorização, assimilação, apropriação, absorção, aprendizagem. (ASSIS & NEPOMUCENO, 2008)

O ser humano é um agente de mudança cultural, por meio da endoculturação vai incorporando e assimilando comportamentos alheios, um espelhamento que dá a sua personalidade primária. Assim em sociedade o ser humano vai constituindo uma personalidade com nuances próprias, que se reflete em suas ações na sociedade. Destarte o homem como agente cultural está intrinsecamente ligado à sociedade e à cultura, são a partir de então analisados pela antropologia cultural. O estudo segue a linha das abordagens de cultura apresentadas em autores citados na obra de Maconni (2010) e a investigação exploratória nas obras deles.

A cultura mostra-se primeiramente na sua face objetiva, ou seja, nas obras culturais, cuja criação incessante é para o homem a criação do próprio mundo, do espaço vital em que se move e evolui [...] Ele define o plano de realização do homem como sujeito do processo cultural. [...] O homem é ser histórico porque transforma o mundo, isto é, cria cultura; como tal ele se compreende a si mesmo e esta compreensão é, na unidade de um mesmo ato, reconhecimento de um sentido objetivo, ou seja, comunicável a outro homem: o sentido mesmo que se encarna na criação cultural. (VAZ, 1966)

O conceito de cultura é amplo, como citado, ele diverge de autor para autor, estes podem ser citados como percussores de teorias distintas que definem a cultura em divergências interessantes. Para Tylor (1871) é um complexo que compõe os hábitos e aptidões adquiridas por cada membro de uma sociedade. Linton (1936), acredita que a cultura a soma das reações emocionais que influem em padrões de comportamento, sendo instruído ou a imitar outro membro da sociedade, assim uma herança social.

A ideia de cultura a Malinowski (1944), está relacionada com os ofícios e meios materiais, implementos e bens de consumo. Para Kroeber (1952), a cultura é uma abstração do comportamento, mas não é um comportamento em si.

Hoiyer (1953) segue a linha da abstração, porém complementa afirmando que não deve ser confundida com os atos realizados de um comportamento e nem do que realizar a transformação de matérias em artefatos materiais como as ferramentas utilizadas. Keesing (1961), acredita num conceito empírico de cultura no qual é a experiência adquirida e acumulada pelo ser humano socialmente, porém repassada gerações adiante. Em 1959, em uma obra Leslie White faz a distinção entre comportamento e cultura, o primeiro é quando coisas e acontecimentos são dependentes de símbolos e interpretados somaticamente, já a cultura é independente do organismo humano com a interpretação das coisas em relação a si mesma, assim o comportamento é de competência da psicologia e a cultura da antropologia.

O conceito recente de Geertz (1973), a cultura é compreendida como um mecanismo de controle ao comportamento do ser humano, esses mecanismos de controle sobrevivem de símbolos significantes, sobre a concepção de uma ideia, abstração e o comportamento dela

aprendido, coisificação extrassomática e o mecanismo de controle propriamente dito. Para White (1959) em sua localização a cultura deve haver uma simbolização e que seja analisada no extrassomático, noutras palavras, para ele a cultura humana não é herdada, mas sim, adquirida pelos diversos aspectos no tempo e no meio em que cada um vive.

A pesquisadora Gisele Passos Costa (2003) faz um breve passeio pela história da antropologia e seus percussores, pela obra científica de Laraia (2001), que o conceito de cultura era considerado mais confuso do que amplo no livro de Edward Tylor, “Cultura Primitiva de 1871”, assim para Laraia (2001) o dever da antropologia é reescrever o conceito de cultura, ao passo que para Tylor a cultura não é uma herança genética apesar de ser transmissível de geração a geração. Cultura é todo complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e aptidões adquiridos pelo homem como membro da sociedade. (TYLOR, 1871)

Já Lévi-Strauss (1967) considera que a cultura surge a partir do momento que o ser humano resolveu criar e seguir a sua primeira regra e norma, que em comum nas sociedades primitivas seria a vedação ao incesto. Laraia (2001) em seus textos traz à tona o pensamento de Murdock (1932) o qual defende que os antropólogos sabem o conceito de cultura, porém divergem em sua maneira de exteriorizar os conhecimentos no modo de conceituá-la. Assim tem os denominados conflitos sociais a partir do momento em que um indivíduo ou grupo social considera sua cultura superior e correta em comparação as demais, comportamento denominado etnocentrismo, uma maneira radical da comparação que leva discriminação, presentes na escola britânica ao separar as sociedades “civilizadas” ou “integrados” e “não civilizadas” ou “silvícolas” ou “selvagens”, nos seus termos de estudos. O etnocentrismo é condenado pela antropologia, ciência social que compreende não existir modos de vidas superiores ou inferiores, o que é bom para uma tribo talvez não se encaixe no modo de viver em outras.

Keesing (1974), faz uma breve revisão das teorias da cultura na antropologia como sistemas: adaptativo, cognitivo, estrutural e simbólico. A cultura como sistema adaptativo serve para adaptar as comunidades dos homens as bases biológicas e ecossistemas, como as tecnologias, organizações econômicas, crenças e práticas religiosas. Assim pode correlacionar a singularidade antropológica que distingue os caatingueiros, sertanejos e ribeirinhos que se adaptam ao ecossistema onde vivem. Como sistema cognitivo esta adaptação é sistema de conhecimento, os indivíduos necessitam de conhecimento para poderem atuar na sociedade que os incluem, assim a cultura é um modelo de interpretação e percepção das crenças. Como sistema estrutural, a adaptação é vista pelo prisma de Lévi-Strauss anteriormente citado, sendo

estruturada a partir da dimensão simbólica que foi acumulada interiormente. Já como sistema simbólico, a adaptação remete a Geertz, que símbolos e sentidos partilhados pelos membros de um grupo social.

Prado et al (2020), traz a complementação das lacunas de conceituação sobre a ecologia humana, que além de ser um campo de estudo das relações do ser humano e ambiente, é um campo de estudo de recorte analíticos sobre as respostas adaptativas humanas num determinado ambiente, o termo ecologia humana é usado para referir as diferentes tradições da geografia, história, sociologia, antropologia e ecologia propriamente dita de objetivos e focos de diferentes escalas espaço-temporais. De acordo com os autores, a relação com a geografia está relacionada com a geografia francesa de longa duração associada a Vidal de la Blache e Carl Sauer. Já a relação com a sociologia está associada com a Escola de Chicago, desenvolvida na Universidade de Chicago, nas primeiras décadas do século XX. Nas suas bases históricas, a ecologia se desenvolveu da aproximação da antropologia cultural norte-americana, ecologia e darwinismo ao logo do século XX, mas encontra uma raiz histórica profunda na ecologia cultural de Julian Steward, sendo uma resposta ao determinismo ambiental e evolucionismo social. Também sobre a influencia dos estudos de Steward houve o desenvolvimento da ecologia comportamental humana, a trazer para o estudo dos grupos de caçadores-coletores.

3 ECOLOGIA HUMANA E A PAIDÉIA

A antropologia em sua etimologia possui dois radicais gregos que é *anthropos* e *logia*, o primeiro se traduz em homem e o segundo em ciência ou razão, a formar o termo ciência do homem, voltada a compreensão humana. Por sua vez, a ecologia, também de origem grega é formada pelas palavras *oikos* que se traduz em casa e *logia*, já traduzida. Assim, trata-se, do estudo do local onde os seres vivos vivem. É a ciência que estuda os seres vivos em suas incontáveis casas.

Surgem diversos pesquisadores como veremos a seguir que inciam uma nova abordagem ecológica a partir do ser humano, sendo esta chamada de ecologia humana, que tem por ponto de partida o mesmo das ecologias vegetal e animal, afirmando que o fato básico para essas ciências é a existência, tanto entre seres humanos como entre plantas e animais, de uma competição constante por um lugar no espaço. Ana Carolina Santos (2010) nesta perspectiva afirma: “a ecologia humana estuda o processo de competição e as relações que dele provenham tal como essas se revelam por índices físicos, principalmente os de espaço”.

De acordo com Pierson (2019), a ecologia humana possui um campo de origem

empirista, mas não integra a sociologia propriamente dita e sim um prelúdio do que seria uma introdução a sociologia, e a passear pela biologia, ecologia vegetal e animal. De acordo com o autor supracitado, a ecologia humana estuda relações existentes dos seres humanos sob a influência do seu *habitat*. Assim diferente da antropogeografia é o meio físico, a ecologia humana parte da influência desse meio sob a espécie humana. Ou seja, essa ciência estuda as relações pessoais e como estas agem ou influenciam no contexto das relações espaciais e bióticas. Assim de acordo com Pierson, o principal assunto de estudo da respectiva ciência são as comunidades e suas formações, onde é estudada toda experiência humana, desse modo a ecologia humana se interessa pela competição entre instituições humanas, raças e indivíduos. Referente aos seus métodos empregados por outras disciplinas, Francisco Carvalho relata que:

Ainda que a metodologia e as técnicas de observação e análise em Ecologia humana sejam igualmente as empregues por outras disciplinas, a sua singularidade e vocação interdisciplinar/transdisciplinar, emprestam-lhe a particularidade da ênfase na abordagem holística, que partilha com a Ecologia Geral, relativamente às problemáticas objeto de estudo sob novos e diferentes paradigmas. (CARVALHO, 2007).

Alpina Begossi (1993), revisita a historicidade da ecologia humana, se seria uma disciplina autônoma e isolada ou diluída em outras disciplinas, campos e saberes. Ela é crítica a esse esforço de generalização em busca de uma definição que aninhe a ecologia humana. Diz: “para estes, generalizar acerca da ecologia humana implica em perda de precisão”.

A ecologia humana encontrou base também na morfologia social de Durkheim. Na Escola de Chicago, foi utilizado os conceitos de competição e sucessão, surgindo assim a ecologia fatorial. Outra área de destaque foi a epidemiologia, também chamada de ecologia humana, de influência europeia. Na França, a etnologia social, uma escola de ecologia humana que possui por objetivo, a comparação entre sociedades industriais e não-industriais.

Nos anos 10, especificamente em 1915, temos o marco referencial dos trabalhos da Escola de Chicago nos EUA, sobretudo, de grandes sociólogos que deram destaque para a ecologia urbana. Em 1921, criaram o termo “ecologia humana”, que, segundo Park: “é uma tentativa de aplicar às inter-relações dos seres humanos, um tipo de análise aplicada anteriormente às inter-relações de plantas e animais” (1945. p.37).

Em 1911 Thomson fala da relação entre os conhecimentos biológicos e as ciências sociais, tomando como referência os estudos de Darwin. Alguns apontam esses trabalhos como base de surgimento da ecologia humana: a aplicação de sentidos sociais a teorias biológicas. Park[7] (1945:22), em seu artigo “Ecologia Humana”, publicado em julho de 1936 no “The American Journal of Sociology”, diz “que foi a aplicação à vida orgânica de um princípio sociológico – isto é, o princípio da cooperação competitiva – que forneceu a Darwin a primeira pista para sua teoria da evolução”. (SABEH)

Mário Antônio Eufrásio, em sua obra “Estrutura Urbana e Ecologia Humana: a Escola

Sociológica de Chicago” (1999), referindo-se a essa ideia de que a ecologia humana pode ser pensada a partir da aplicação de conceitos da biologia na conceituação e explicação de fatos sociais, diz ser isso uma “defesa ingênua dos biólogos, pois o conceito de cultura não é levado em consideração”. Nesta perspectiva se faz necessário perceber a ecologia não somente de forma biológica, mas também cultural, de forma interdisciplinar.

A proposta da interdisciplinaridade se mostra necessária e de grande valor para a ecologia humana, superando o determinismo biológico e envolvendo o ser humano em sua casa em todas as dimensões, entre elas cultural, metafísica e na coletividade.

Iva Pires percebendo a ecologia humana sob a ótica da pluridisciplinariade vai além, ela afirma “mais que uma perspectiva pluridisciplinar, pode constituir-se não num cruzamento de disciplinas, mas num cruzamento de ciências, campo epistemológico aberto ao diálogo entre as ciências sociais e naturais”. Defende a perspectiva da ecologia humana como “de uma inadiável compatibilidade entre a sociosfera e a biosfera” (2011, p.18).

A Ecologia humana volta-se ao ser humano em sua relação com o meio ambiente, com o outro e consigo mesmo de forma totalizante. Os gregos, sobretudo, no estoicismo e epicurismo, buscaram a compreensão do homem dessa forma. Entre os helênicos a educação buscava integrar o homem em todas as suas dimensões, sendo uma formação integradora, a esta foi atribuído o termo *Paideia*, que significa a formação dos meninos, sendo que com os sofistas esta formação passou também a ser implementada junto ao homem adulto.

Como a formação buscava ser abrangente, o ensinamento dos valores morais, metafísicos, arte, a educação física, o senso de justiça e de probidade, se disseminava dentro da vivência da própria sociedade e da cultura. As obras mitológicas, filosóficas e narrativas gregas são perpassadas por várias dimensões, como a *Iliada* e a *Odisseia* de Homero, que apresentam o espelho do heroico homem ideal, *A República* platônica, com o mito do anel de Giges, que gera a reflexão acerca da perpetuação da ética e da honestidade na ausência da imposição dos ordenamentos, a *Apologia de Sócrates*, que põe em xeque o julgamento imparcial do filósofo, a *Antígone de Sófocles*, que cria o dualismo entre o jusnaturalismo e juspositivismo e ainda o relato do julgamento de Frinéia, que conseguiu a sua absolvição ao exibir a sua beleza, perante os juízes. A forma mais elevada de arte, presente na tragédia grega e nos poemas homéricos supracitados é a catarse, que expurga no homem, os seus males e vícios, em um verdadeiro processo de purificação.

Platão, na obra *A República* divide a sociedade em setores e o papel de cada cidadão na sociedade. O texto apresenta o viés ético e a busca pelo comum da *polis*. Para o filósofo toda a arte é imitação (mimeses), que pode despertar diferentes sentimentos e reações, assim

determinadas formas artísticas só deveriam ser permitidas para grupos sociais específicos, de forma que os mais nobres, os pensadores e soldados deveriam apreciar determinado tipo e forma de arte e construções tonais, diferentemente das classes mais baixas para as quais não deveriam ser permitidas formas de arte que perturbassem a alma, pois poderiam se constituir um perigo a harmonia da *polis*. Nesse viés surge a elitização e a marginalização de formas de arte, que seriam consideradas superiores ou inferiores e a fragmentação dos grupos sociais que a elas teriam acesso.

Na obra *A poética* de Aristóteles, ele contrapõe Platão, ao defender que a arte deve ser popularizada e disseminada para todos na sociedade indistintamente. Ela continua sendo percebida como imitação, mas que se mostra imprescindível pelo seu caráter pedagógico para a fixação de conceitos por meio da emoção. A arte consegue tocar com profundidade os sentidos, gerando diferentes sentimentos e até o espanto. Esse espanto se dá em maior ou menor grau de acordo com o homem, este que por natureza é um animal mimético. Na perspectiva aristotélica a arte tem grande valor na formação intelectual e social, ele apregoa a necessidade da democratização da arte a todas camadas sociais. Aristóteles resgata a primazia da arte, como objeto de estudo e defende que o seu impacto na sociedade é sempre positivo.

Na Grécia, as normas de natureza jurídica faziam parte de um conjunto mais amplo (universo prático) no qual se incluem as regras políticas, éticas e religiosas. A expressão universo prático quer se referir ao conjunto de normas que orientam o comportamento do homem em sociedade (o que ele deve e o que não deve fazer). (MENDONÇA, 2014)

A Ecologia humana, assim como os gregos, busca perceber o ser humano através do enfoque interdisciplinar, compreender o homem enquanto animal biológico, mas também como ser interrelacional, capaz de viver em comunidade, a partir da vivência prática sob o prisma da totalidade, em suas reações diante dos fatos, seus valores e aos mais diversificados comportamentos.

A cultura sertaneja possui suas particularidades, bem como o ribeirinho, é inegável que existem comportamentos que se perpetuam no tempo em decorrência do ambiente e suas condições climáticas e geográficas, a esta teoria se atribui o nome de determinismo ambiental, no entanto, o meio não é capaz de determinar quem o ser humano se torna. Em contraponto se consolida a teoria do possibilismo ambiental.

Uma grande desvantagem do determinismo ambiental é a maneira simplista de conectar as características ambientais com traços culturais. O ambiente, de certa forma, é visto como precedendo a cultura e, assim capaz de determiná-la. Muitos deterministas eram maus sofisticados em suas abordagens, notando certas certas complexidades nas relações ambiente/cultura; por exemplo Ratzel reconheceu a importância da migração e da difusão dos traços culturais dentro de uma certa região (MORAN, 1982). Mesmo assim, a noção principal de uma relação causal

unidirecional ao do ambiente sobre a cultura é um dos marcos do determinismo ambiental. (BROWN e KORMONDY, 2002, p.44)

O possibilismo ambiental vai de encontro as ideias simplistas da causalidade ambiental, esta abordagem enfatiza a importância primária dos eventos históricos específicos na criação das culturas através de constantes mudanças ao longo do tempo, englobando aqui diversos outros caracteres culturais.

4 O ESTEREÓTIPO DO SERTANEJO NA LITERATURA BRASILEIRA DO SÉCULO XX

Na obra de Euclides da Cunha (2015), *Os Sertões*, em seus dois primeiros tomos, ele cita os movimentos do sebastianismo que aguardavam o retorno mítico do Rei D. Sebastião, de maneira a relatar o acidente de Pedra Bonita no município de Serra Talhada. O advento do movimento messiânico como a formação da crença na criação do Arraial de Canudos que é foco no terceiro tomo, mostra que a crença mágico-religiosa ainda está presente no imaginário do sertanejo residente na região Nordeste do país.

Da mesma maneira há a presença dos binômios, justiça e vingança, deus e diabo, bem e mal na obra de Guimarães Rosa, onde o foco vai além do gênero “Diadorim” e sua vingança na jagunçagem. Estão presentes ainda no estereótipo do homem nordestino de “sangue quente” ao cometer o ato de canibalismo, ou o estereótipo do feminino nordestino como “vingativo e maquiavélico” quando narra a tortura psicológica contra o padre e o assassinato do cônjuge de maneira macabra e a sede de vingança de Diadorim.

As duas obras perpetuam o pensamento religioso através das benzedeadas, ao mesmo tempo em que descreve o homem nordestino como um ser bruto e ignorante, incapaz de resolver os próprios conflitos, recorrendo desse modo à vingança e à fé.

Na obra de Cunha a vingança é contra o Estado brasileiro pelo tamanho abandono, se recorre a Antônio Conselheiro, pois se acreditar nas promessas míticas de retorno à glória que um dia a região Nordeste teve no período colonial. Essa sub-rogação do pensamento real, o ser se aliena ao outro ao acreditar num ideal maior, assim segue a linha da fé cega de um profeta para um retorno além de um rei mítico de poderes divinos, que anos depois na escola do regionalismo modernista foi satirizada no Romance da Pedra do Reino de Ariano Suassuna. (HERMANN, 2005)

As críticas presentes contra as estereotipações dos nordestinos por meio da obra de Cunha, vem pelo esquecimento do abandono regional e jurídico da união pela região. Assim

como uma região sem investimentos, abandona e a mercê da própria sorte, é comum relatar as figuras da fome, ignorância e morte numa região de clima árido e seco. Já a estereotipagem que advém de Grande Sertões, resulta do etnocentrismo que classifica a cultura europeia como superior à brasileira, especificamente a nordestina, e classificar os sertanejos como pessoas vis e indomáveis ou “selvagens”, traços daqueles que aderem ao etnocentrismo e a gerar conflitos sociais de preconceitos regionais, advindas da interpretação generalizada da obra literária. (FRYE, 2014)

Gilberto Freyre (2011), em 1943, traz sua crítica à obra nas edições mais recentes, relata que apesar dos erros de botânica e antropologia, como sociólogo, Euclides colocou o sertão com um lugar “tão brasileiro” como qualquer outro autor nordestino teria feito, ao exaurir de maneira poética todos os relatos presentes na caderneta de campo sobre a campanha de Canudos.

De acordo com Sousa et al (2016), pensar na identidade e diferença é entender que elas têm de ser ativamente produzidas pertencentes ao mundo cultural e social. Assim os discursos produzidos pelos meios de comunicação são apresentados por um sistema de diferenças estabelecidos por narrativas hegemônicas. Assim, esses meios se apropriam dos elementos da cultura regional nordestina e reproduz em cadeia nacional de acordo com os autores. Assim a reafirmação da identidade nordestina, ou a nordestinidade, torna os elementos culturais como objetos de admiração e consumo para desafiar os padrões estereotipados.

Essa identidade cultural é fenômeno de autorreconhecimento, de teor individual e coletivo como um sistema de referência. Assim, a respeito da cultura regional nordestina e do sertanejo, há representações remetidas ao nordestino oriundo da terra de barro vermelho, rachado pelo sol e marcada como a terra dos cangaceiros, vaqueiros, pela caatinga e êxodo rural pela fuga da seca. Aline Britto Fialho (2006), recorda em sua pesquisa, apesar da migração da seca ser uma marca cultural do povo nordestino, há uma ausência da historiografia referente ao tema, a autora relata que há estudos que refutam a visão tradicionalista do tema da migração nordestina, onde reafirmam a ideia de transumância, comportamento típico das pessoas livres e pobres. Mas a cultura regional realiza a constituição da identidade regional onde há uma correlação da cultura que possui normas e símbolos e imagens com os indivíduos que estão estruturados com esses elementos.

Os mitos, de acordo com a autora supracitada, são um dos principais elementos que constroem a simbologia regional. Onde a fala mítica são mensagens, e os mitos além de naturalizar uma história, contribui para a indústria da moda para se apropriar e ressignificar as identidades. Desse modo a identidade cultural regional nordestina, ou a nordestinidade é

definida pelo que se vivencia e do que se produz, com o uso da fauna e flora pelas representações da caatinga e do couro de boi nos utensílios, as tradições como o bordado de renascença e os mitos como a representação do Padre Cícero. Mas nas identidades regionais nordestinas, a autora Verunsch (2015), aborda a questão do embate entre o velho e o novo, da ruptura imposta:

É desse modo que lugares de conflito e trocas entre os atores responsáveis pela construção ou remodelação da identidade nordestina se emaranham nas questões relativas às negociações e continuidades envolvendo forró, ritmo e retrato do sujeito nordestino. Os embates entre o antigo e o moderno surgem menos maniqueístas ao desvelarem um diálogo que, à primeira vista, parece improvável mas que, em sua matriz, se mostra fértil e incessante. (VERUNSCHK, 2015).

Referente a invenção da nordestinidade, Lima (2020), revisa o período histórico da década de 1920, especificamente em 1926, o ano de lançamento do Manifesto Regionalista de Gilberto Freyre no I Congresso de Regionalismo, no Recife. De acordo com Lima, para Freyre, a produção nordestina deveria seguir os moldes que a produção do sul, trazer uma valorização da riqueza de tradições e a sedução estética, assim a região não ficaria restrita somente ao teor geográfico, econômico, político e natural. Porém o autor reitera a ruptura com a estética rígida proposta por Freyre acerca da nordestinidade na exposição “Nordestes”, de curadoria de Anjos (1999), onde o curador explica que não existe um nordeste, mas muitos nordestes, a pluralidade identitária na respectiva região, onde a exposição havia elementos de fácil assimilação, mas de um saudosismo, de um nordeste rural e agrário que não existe mais, regado pela religiosidade como na presença dos Ex-votos e engenhos que remetem ao ciclo do açúcar.

5 CULTURA DO SERTANEJO RIBEIRINHO

O autor José Aleluia dos Reis (2011), relembra que as nomenclaturas dos rios, em si vieram da junção de natureza e cultura dos nativos brasileiros. Os rios, em suas formas ditas sagradas pelas culturas dos nativos, acabaram a influenciar a formação das cidades, estas que eram edificadas em solo próximo ao curso das águas ribeirinhas. Assim os rios possuem a importância também de fazer a interligação hidrográfica, econômica e das pessoas dentro dos seus territórios que os abrangem. Territórios que não sejam somente um pedaço de terra, mas que haja o sentimento de pertencimento em comum entre os integrantes dele, segundo o pensamento de Milton Santos (2000). Muitos elementos oriundos das dimensões mesológica e somatológica esteriotipam o sertanejo.

A figura do sertanejo se expressa na imagem do vaqueiro com suas vestes características de couro, história de lutas e costumes onde se pode perceber a integração homem/natureza. Como trabalhador, representa a responsabilidade pela economia e a resistência perante as adversidades locais. Este conceito sobre o trabalhador rural aplicado à paisagem dos sertões permite a existência de algo mais complexo porque sugere uma dinâmica humana de (sobre)vida desde tempos coloniais balizada por realidades como a alternância entre um período seco e uma estação chuvosa. Fator importante no desbravamento sertão adentro.[...] (FERRAZ, 2004)

Segundo Maria Socorro Isidório (2010), as águas presentes nos rios possuem uma significação específica, é o local onde pode surgir ou regredir qualquer forma de vida, concebida como sagrada desde a criação cósmica narrada pelo dogma cristão, preexistindo antes da terra. Essa relação mística da água se mantém presente na vida dos ribeirinhos.

Inúmeros mitos indígenas asseguram a transmissão cultural da relação intrínseca da água dos rios e riachos na vida dos ribeirinhos pela figura do sagrado feminino da “mãe-água ou d’água” que perdura nos mitos das cidades ribeirinhas. Para estes, o rio possui um caráter sagrado devido às contínuas experiências mágico religiosas, como o “encanto” do rio São Francisco, no qual, em um horário específico em que toda a movimentação do curso da água é paralisada, para os ribeirinhos, a água possui vida consciente, fenômeno presente nas narrativas fantásticas transmitidas pela oralidade. (ISIDÓRIO. 2010)

Destarte, o sertanejo é uma mistura, um sincretismo cultural e religioso, e também na forma que emprega as tecnologias, que favorecem a sua sobrevivência. Esse sincretismo se mantém expresso, nas mais diferentes demonstrações de fé, nas celebrações e momentos festivos, entre outros. A identidade está associada ao modo e adaptar tanto nas “ruas”, grandes concentrações as beiras do rio com comércios ou na caatinga presente a pecuária extensiva na fauna nativa da caatinga. Assim pode se citar:

As práticas socioculturais são as ações dos homens sertanejos e, embora pareça provável que realmente seja um ser humano de muita religiosidade, sua manifestação perante o sacro não é submetida a artifícios. Com o mesmo ímpeto expressivo, a fé é empregada neste contexto regional com efeito prático, por acreditar que o desdobramento da realidade tenha aí a sua origem – à Deus entrega todo o sofrimento e dor. O que acontece na realidade religiosa é facilmente percebido como imagens projetadas aos olhos de todos e objetivamente captadas como verdade natural, invariavelmente deixando entrever intercâmbios entre o mundo visível e invisível, entre o imediato das sensações e seu eco contemplativo, interior.” (FERRAZ, 2004)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A figura do sertanejo apesar de ser estereotipada pela utilização errônea da literatura, é bem maior e diversificada, se perfaz dentro de uma cultura rica em nuances e singularidades. No entanto, o sertão nordestino ainda é um mistério a ser explorado, sua cultura resiste e em algumas regiões remotas permanece intocável nos moldes do século XXI, porém em outras

subregiões existe uma grande pluralidade cultural, singularidades antropológicas, uma grande gama de possibilidades que não pode ser reduzido ao esteriótipo. Ressalta-se que existem elementos comuns, que geram a identidade cultural deste povo, mas identidade não significa uniformidade cultural.

O intuito desse estudo exploratório de revisão bibliográfica simples se acopla aos moldes da observação crítica da antropologia. Apesar de equivocada em partes, a literatura de Cunha em seu pré-modernismo mantém norteadora aos curiosos que queiram ter base dos primeiros relatos sérios sobre a região nordeste e seu abandono estatal, cujos efeitos se demonstram contínuos e prolongados ao longo das décadas seguintes ao ser revisitado de maneira mágica pelo romance de vingança por Guimarães Rosa.

A cultura ribeirinha nessa análise possui uma forte ligação não somente pela formação comercial e social de grandes concentrações ao curso do rio, também pela religião, que possui estreito vínculo aos nativos indígenas, estes, verdadeiros donos do território brasileiro que foram os primeiros a nomear e relatar as origens dos rios e os grupos que ao redor deles se formaram.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Cássia Lobão & NEPOMUCENO, Cristiane Maria. **Estudos contemporâneos de cultura**. Campina Grande: UEPB/UFRN, 2008.
- ANJOS, Moacir dos. Arte em trânsito. In: ANJOS, Moacir dos et al. **Nordestes**. Catálogo. São Paulo: Sesc Pompeia/Fundação Joaquim Nabuco, 1999.
- BEALS, Ralph L, HOIJER, Harry. **Introducción a la antropología**. Madri: Aguilar. 1969.
- BEGOSSI, Alpina. **Ecologia Humana: Um Enfoque das Relações Homem-Ambiente**. Santiago: INTERCIENCIA, 1993.
- BOAS, Franz. **Cuestiones fundamentales de antropologia cultural**. Buenos Aires: Solar. 1964.
- CARVALHO, Francisco. **Da Ecologia Geral a Ecologia Humana**. Fórum Sociológico Online, 2007.
- CUNHA, Euclides da. **Os Sertões: Edição Crítica**. São Paulo: Ubu Editora/ Edições Sesc São Paulo, 2016.
- EUFRASIO, Mário Antonio. **Estrutura urbana e ecologia humana: a escola sociológica de Chicago (1915-1940)**. [S.l: s.n.], 1999.
- FERRAZ, Maria Clara Souto. **O Sertanejo Nordestino: representações culturais brasileiras de resistência e de fé**. Uberlândia, 2004.
- FIALHO, Aline Britto. **A Identidade Regional Nordestina Nos Sistemas de Significação do Consumo de Moda**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2016.
- FREYRE, Gilberto. **“Euclides da Cunha”, História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Global, 2011.
- FRYE, Northrop. **Anatomia da crítica**. São Paulo: É Realizações, 2014.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar. 1973
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

HEBERER, Gerhard. **Antropologia**. Lisboa: Meridiano, 1967.

HERMANN, Jacqueline. **Antônio Vieira e o Sebastianismo: messianismo régio e transfiguração barroca**. In: COSTIGAN, L. H. (Org.). Diálogos da conversão. Campinas: Ed. da Unicamp, 2005

ISIDÓRIO, Maria Socorro. **Santo Rio São Francisco: Religiosidade Popular na Sacralidade do Rio São Francisco no Imaginário dos pescadores do Sertão dos Gerais**. São Paulo: PUC-SP. 2010

KEESING, Felix M. **Antropologia cultural: A ciência dos costumes**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

KEESING, Roger M. **Theories of Cultures**. Annual Review of Anthropology 1974 3:1, 73-97

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural**, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro. 1967.

LIMA, Pedro Ernesto Freitas. **“Nordestinidade”: narrativas de circulação, legitimação e institucionalização na arte**. Brasília: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 76, p. 34-49, ago. 2020.

LINTON, Ralph. **O homem: uma introdução a antropologia**. São Paulo: Martins. 1965.

LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**. São Paulo: Rocco, 2017.

MARCONI, Marina de Andrade, PRESOTTO, Zelia Maria Neves. **Antropologia: Uma introdução**. São Paulo: Atlas, 2010.

MELO NETO, João Cabral de. **Morte e Vida Severina – auto de Natal pernambucano**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.

MENDONÇA, Hermundes Flores. **Ética e Filosofia do Direito**. Doutrina Exame da OAB. 3. ed. Jus Podium: Salvador.2014.

PIERSON, Donald. **Ecologia Humana**. Paraíba: RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 18, n. 53, p. 219-227, agosto, 2019.

PIRES, Iva. **Ética e Prática da Ecologia Humana: questões introdutórias sobre a ecologia humana e a emergência dos riscos ambientais**. Apenas Livros. 2011

PRADO, Helbert Medeiros; MURRIETA, Rui Sérgio Sereni. **As Bases Antropológicas da Ecologia Humana em sua Dimensão Bioantropológica: Escolas Clássicas, Evolucionismo e Teoria dos Sistemas**. Pelotas: TESSITURAS, Revista de Antropologia e Arqueologia, V.8 n° 2, jul/dez, 2020.

REIS, José Sérgio Aleluia dos. **O rio São Francisco e a travessia do povo – religião e cultura**. São Paulo: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH. 2011.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

SABEH, Sociedade Brasileira de Ecologia Humana. Disponível em http://www.sabeh.org.br/?page_id=56. Acesso em 12/08/2021.

SANTOS, M. **O país distorcido**. São Paulo: Publifolha, 2000.

SOUSA, Deborah Susane Sampaio; SOUSA, João Eudes Portela de. **Identidade, Apropriação e Consumo na Nordestinidade de Bráulio Bessa**. São Paulo: COMUNICON, 2016.

SUÁREZ, Mireya. **Sertanejo: Um Personagem Mítico. Sociedade e Cultura**, 1998.

TYLOR, Edward Burnett. **Primitive Culture**. Inglaterra: Gordon Press, 1871.

VAZ, H. C. de Lima. **Cultura e universidade**. Petrópolis: Vozes, 1966.

VERUNSCHK, Michéliny. **Nordestinidade: identidade e machismo no forró pé de serra e no forró eletrônico**. São Paulo: Galaxia (Online) n. 29, p. 304-307, jun. 2015.

WHITE, Leslie A.; DILLINGHAM, Beth. **O conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.



CAPÍTULO II

Figura 7- "Os retirantes" da série Sertão de Sérgio Amorim

A IDENTIDADE CULTURAL NO PROJETO FULGÊNCIO, SANTA MARIA DA BOA VISTA-PE

Anderson Wagner Santos de Araújo¹

Prof. Dr. Carlos Alberto Batista Santos²

RESUMO

O trabalho em tela tem por finalidade analisar a perda e modificação da identidade cultural pelos reassentados de atingidos por construção das barragens hídricas. A metodologia é de um estudo exploratório qualitativo descritivo com uso da análise do discurso lacaniana, tem por objetivos gerais: analisar as mudanças na identidade cultural da população do Projeto Fulgêncio em Santa Maria da Boa Vista -PE. Decorrentes do reassentamento involuntário e constatar se é possível correlacioná-las ao elevado índice de criminalidade na localidade. Além disto pretende-se buscar a compreensão de quanto o processo cultural pode influenciar antropológica e socialmente, identificar os fatores socioculturais e socioeconômicos locais e correlacioná-los com as taxas de criminalidade, comparando aos tipos penais mais frequentes, investigar como os diferentes atores sociais vivem e experimentam a cultura interagindo e criando significados aos objetos e às suas ações relacionadas ao mundo da política e da presença ou ausência do Estado. Defendemos a hipótese de que a perda da identidade social, cultural e econômica, pode levar ao envolvimento com o crime em decorrência de mudanças culturais bruscas.

Palavras chaves: Reassentamento. Atingidos por Barragem. Projeto Fulgêncio. Criminologia Cultural.

1 INTRODUÇÃO

O Projeto Fulgêncio é um perímetro irrigado criado pela CHESF (Companhia Hidrelétrica do Vale do São Francisco), para reassentar involuntariamente os atingidos pela barragem de Itaparica (Hidrelétrica Luiz Gonzaga), localizada entre os municípios de Glória na Bahia e Jatobá em Pernambuco. No ano de 1988 foram transferidas 1.545 famílias para o Projeto Fulgêncio, outrora conhecido como Projeto Caraíbas, localizado no Nordeste do município de Santa Maria da Boa Vista - PE, a 615 km do Recife. O perímetro irrigado atualmente conta com 2.100 casas construídas em 47 agrovilas.

O Sistema Itaparica tem a sua origem intrinsecamente ligada à construção da Hidrelétrica Luiz Gonzaga, que foi projetada e construída para ajudar a atender a demanda do consumo de energia elétrica da região Nordeste. A construção da barragem teve início na década de 70,

1 Mestrando em Ecologia Humana na UNEB, Bacharel em Teologia, Licenciado em Filosofia e Pedagogia, Bacharel em Direito, Advogado, Produtor cultural. Bolsista da FAPESB, E-mail: anderson.wagnerxto@hotmail.com

2 Doutor em Etnobiologia e Conservação da Natureza – UFRPE. Professor Assistente da Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Tecnologia e Ciências Sociais. Coordenador do Mestrado em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental DTCS/UNEB. E-mail: cacobatista@yahoo.com.br

englobando uma área de 834 km² em sete municípios, sendo quatro do estado de Pernambuco e três do estado da Bahia. Dentre estas cidades três sedes municipais foram submersas pelas águas: Petrolândia e Itacuruba em Pernambuco e Rodelas na Bahia.

A população das localidades submersas foi realocada para novas cidades construídas e o povo ribeirinho da zona rural foi reassentado em projetos agrícolas nos municípios pernambucanos de Santa Maria da Boa Vista, Orocó, Floresta e Petrolândia, e no estado da Bahia, os municípios de Curaçá, Abaré, Rodelas e Glória. Dentre estes projetos agrícolas essa pesquisa se restringirá a analisar o Projeto Fulgêncio localizado em Santa Maria da Boa Vista. A realocação da população foi feita pela CHESF através do processo de reassentamento, indenizando as pessoas pelos danos físicos e econômicos, no que diz respeito à propriedade (moradia e atividades econômicas) (CHESF, 1988).

Segundo dados da CODEVASF- A Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco e do Parnaíba, o Projeto Fulgêncio, está na área do Submédio do Vale do São Francisco, possui a área Irrigável de 4.716 ha e toda essa extensão está ocupada, sendo que a sua infraestrutura é composta por 39 km de canais; 200 km de estradas e 1206 km de drenos. (CODEVASF, 2019)

Quanto à produção agrícola, existe grande predominância da fruticultura, com destaque para o cultivo de banana correspondendo a 68% da área cultivada do perímetro em 2016. As culturas permanentes ocuparam 91% da área cultivada. O projeto é constituído somente por lotes familiares. O principal sistema de irrigação é aspersão convencional. (CODEVASF, 2019)

A CODEVASF estima que a produção do Projeto Fulgêncio no ano de 2016 gerou 5.743 empregos diretos e 8.615 empregos indiretos, sendo produzidas 83.032 toneladas de alimentos. Apenas neste ano foi possível extrair dados referentes ao o valor bruto da produção (VBP), que chegou a 89.186, sendo 4.208 das culturas temporárias e 84.905 das culturas permanentes. (CODEVASF, 2019)

Ocorre que apesar da grande produção e até da riqueza produzida na localidade, existe um elevado índice de criminalidade, segundo os dados da Delegacia da Polícia Civil de Santa Maria da Boa Vista- PE e das vastíssimas matérias veiculadas em noticiários. O lugar é conhecido popularmente como “um barril de pólvora no São Francisco”.

São frequentes a ocorrência de inúmeros tipos penais: como furtos, tráfico de drogas, homicídio e feminicídio. Até mesmo a água e as bombas que são utilizadas para irrigação têm sido furtadas, a CODEVASF já pediu ajuda da Polícia Federal para punir quem capta água de forma irregular do canal da localidade. (CODEVASF, 2012)

Destarte, o índice de criminalidade precisa ser analisado em seu fato gerador. É necessário investigar e entender esse fenômeno para compreensão deste elevado índice, vislumbrando se é possível correlacioná-lo as mudanças da identidade cultural decorrente do reassentamento involuntário para essa “nova terra” ou seria decorrente da ausência do Estado. Acerca do reassentamento se faz necessário destacar:

O processo de reassentamento da população foi resultado de um acordo em 1986, entre a CHESF e os reassentados, intermediados pelo Sindicato e pelo Pólo Sindical. Esse acordo só foi possível com a mobilização dos atingidos. Podemos dividir o processo de reassentamento em três momentos: no primeiro momento seria feita indenização das terras e benfeitorias aos agricultores, como também das casas para as famílias que residiam na cidade. No segundo momento, haveria a construção das casas e das agrovilas e dos pontos comerciais na nova cidade e as obras de infra-estrutura, para em seguida ser efetivada a transferência das mesmas. O período de transferência estipulado pela CHESF se daria entre agosto de 1987 a junho de 1988. O terceiro e último momento do processo de reassentamento seria após a transferência, quando caberia à CODEVASF, no início dos anos 90, encaminhar os projetos de irrigação, para que assim os agricultores começassem a produzir. Desde que os agricultores começassem a produzir, era proposta da CHESF que os reassentados iniciassem a administração autogestionária de seus lotes, de maneira que finalizaria a assistência da CHESF, rompendo a dependência dos reassentados em relação à entidade. Em nosso estudo analisaremos apenas a questão dos reassentados rurais (CHESF, 1986/1987/1996) (LIMA, 2007. p.3)

Quanto à dimensão cultural, Franz Boas (2010, p.26.) preconiza: “A cultura é a totalidade das reações e atividades mentais e físicas que caracterizam o comportamento dos indivíduos que compõem um grupo social”. Por sua vez, Clifford Geertz (1978. P.43) afirma: “A cultura seria um conjunto de mecanismos de controle, planos, receitas, regras e instruções de como se deve viver”.

Já Leslie White (2009. p.54), concebe uma visão acerca da cultura como regra de comportamento: “quando coisas e acontecimentos dependentes de simbolização são considerados e interpretados face à sua relação com organismos humanos”.

Cultura é o conjunto de transformações, apropriações e interpretações que o homem realiza junto à natureza". A cultura surge na relação homem-natureza. O homem, como ser biológico, prende-se ao âmbito da natureza, porém, os princípios que regem sua conduta desde o nascimento, prendem-se ao âmbito do social. Ele ocupa uma posição intermediária, esse seria o elo de ligação entre a natureza e o social. Ele não é somente natureza (com ausência de intencionalidade), e nem somente social (conduta regulada por normas sociais). O que o difere de outros seres da natureza, como as árvores, é a intencionalidade, o trabalho, a transformação, enfim, a cultura. (LOPES, 1995, p. 23)

Sendo a cultura algo que está intrinsecamente ligado a realização humana, correlaciona-se a Ecologia humana, nesta interação do homem com o meio, bem como na transmissão de comportamentos aprendidos, transmitidos socialmente e não geneticamente. Uma enorme desvantagem do determinismo ambiental é a maneira simplista de conectar as características ambientais com os traços culturais. O ambiente, de certa forma, é visto como “precedendo” a cultura e, assim, capaz de determiná-la. Muitos deterministas eram mais sofisticados em suas

abordagens, notando certas complexidades nas relações ambiente/cultura. (KORMONDY & BROWN, 2013)

Hofstede (1991) afirma que a cultura é adquirida e não herdada, que provém do ambiente social do indivíduo e não dos genes. Assim, é a cultura está imbuída da dimensão axiológica, gerando uma identidade. As tradições ensinadas pelos pais fornecem ao infante a sua identidade cultural.

Considerando a grande relevância da cultura para a dimensão valorativa presente na sociedade, a desapropriação involuntária como ocorreu com a população reassentada no Projeto Fulgêncio, precisa ser analisada, principalmente dado ao índice gigantesco de ocorrência de infrações gravíssimas de cunho penal registradas nas agrovilas que compõem o perímetro irrigado. Outro dado que merece ser destacado é o próprio nome do projeto, outrora se chama Projeto Caraíbas, alterado em razão do assassinato do líder comunitário Fulgêncio da Silva. (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2001)

Consta na ata da audiência pública da Câmara dos deputados na Comissão de Direitos Humanos, número: 001343/01, de 14/11/2001, que teve por finalidade avaliar a situação de violência e desintegração social no Submédio São Francisco, Polígono da Maconha, indicar estratégias para sua superação e oferecer alternativas aos jovens da região.

Durante a audiência o Dr. Eraldo José de Souza, Diretor do Polo Sindical do Submédio São Francisco, destacou “*in verbis*”:

É um prazer voltar a esta Casa para discutir o tema. O Deputado Fernando Ferro participou da Comissão do Narcotráfico, que nos deu importantes informações. Estamos aqui para retratar um pouco nossa região. Alguns companheiros já falaram sobre a morte do companheiro Fulgêncio, líder sindical que defendia o reassentamento e combatia o envolvimento de alguns jovens com o narcotráfico. Cinco dias após a entrega do relatório da primeira Subcomissão do Narcotráfico, que se reuniu em Cabrobó, o companheiro foi assassinado a mando do tráfico. Foi comprovado que o menino foi contratado exatamente para matar nosso companheiro; foi uma morte planejada. O menino foi preso mas, como era menor, passou três anos na cadeia e já saiu. Cometeu outro delito e, segundo informações, agora está preso na Bahia.

Nós, do Polo Sindical, assistimos ao aumento da violência, principalmente no último ano. De 1997 para cá, houve todo esse rolo, a briga das famílias, que o padre citou. O Polo Sindical percorre a área de quinze Municípios e viaja muito. Foi mencionada a Operação Asa Branca, um pouco mais séria que a Mandacaru. Esta, na verdade, foi uma brincadeira para gastar dinheiro. Éramos abordados cinquenta vezes na estrada, mas, a vinte metros, aconteciam os assaltos de carro, e era aquela brincadeira de denunciar. Ora, os bandidos estão lá. Só o Polo Sindical teve três carros perdidos, assaltados mesmo, fora o consórcio que trabalhava conosco. Em um mês, roubaram 21 carros na empresa que dava assistência técnica, e suspeitávamos que alguém da Polícia Militar estava facilitando essa ação. Transportavam maconha nas ambulâncias do projeto, e estas passavam pelas barreiras policiais. **Outro grande problema é o medo de denunciar.** No projeto Fulgêncio, antigo Projeto Caraíbas — depois que o companheiro foi assassinado, mudou-se o nome —, o pessoal nos dizia que não adiantava denunciar. Se alguém matasse e eu fosse contar, antes de eu chegar em casa o matador já saberia. Isso aconteceu em Santa Maria da Boa Vista. As pessoas foram denunciar o fato e, ao chegar em casa, o bandido estava lá para ameaçá-las. Suspeitava-se que Fulgêncio abria a boca, porque ele viajava muito, era do MAB, sempre estava por aqui. É claro que ele denunciava e, por isso, foi vítima. Temos vários outros companheiros, inclusive o Vice-Prefeito de Santa Maria da Boa Vista, ameaçados de morte. Ele já saiu do projeto, está morando na cidade e é um dos próximos a serem assassinados. Esse é o quadro. (Grifo nossos)

O supracitado discurso narra o assassinato do líder comunitário cometido por um menor, o mesmo foi utilizado como instrumento pelos chefes do narcotráfico. Outro dado que merece grande destaque é o sentimento de temor que perpassa a comunidade permanecendo em silêncio, não denunciando os crimes pelo risco iminente de se tornarem vítimas dos criminosos.

Somente em 28 de fevereiro de 2018, o Jerry Adriani Gomes da Silva, mais conhecido como “Negó de Lídio”, foragido da Penitenciária Barreto Campelo, desde 18 de dezembro de 2014, considerado, entre outros crimes, como responsável pela morte do líder comunitário Fulgêncio da Silva, do Projeto Caraíbas, na década de 90, foi preso na fazenda Água Viva, zona rural da cidade de Redenção do Gurguéia, no estado do Piauí. A operação foi realizada pelo Batalhão Especializado de Policiamento do Interior (BEPI), com apoio do trabalho desenvolvido pela Força Tarefa Bancos, da Secretaria de Defesa Social. Com acusado, foram encontradas duas pistolas calibre .380 com 73 munições, além de uma espingarda calibre 12 com sete munições. (BG Nº A 1.0.00.0 039, da Polícia Militar de Pernambuco, Recife, 1º de março de 2018)

Durante muitos anos a atividade do Estado junto à localidade mostrou-se insuficiente, no âmbito de implementação de políticas públicas, educação, lazer, esporte, segurança, saúde, entre outras.

No ano de 2018, em ação conjunta as Polícias Civil e Militar de Pernambuco, deflagraram a “Operação Fulgêncio”, na qual mais de 10 mandados de prisão foram cumpridos na região de Santa Maria da Boa Vista (PE) como o intuito de combate à criminalidade na localidade.

Outro ponto de discussão é o fato de que durante muitos anos a atividade do Estado junto à localidade mostrou-se insuficiente, no âmbito de implementação de políticas públicas, educação, lazer, esporte, segurança, saúde, entre outras. Feitas estas considerações, esta pesquisa justifica-se na busca por uma análise do cenário da localidade, vislumbrando observar a presença ou ausência dos elementos tradicionais, costumes laborais, esportivos e educacionais, práticas cosuetudinárias, religiosos, crenças, procissões, benzedeiras, festa da padroeira, e populares, festejos juninos, brincadeiras de rua, entre outros, para então criar uma possível relação com os índices criminais.

Partindo destes princípios, e tendo a cultura como um complexo de aptidões adquiridas pelo homem no corpo social, existe a possibilidade de o reassentamento involuntário ter gerado mutações deste cunho para esta população, devemos nos perguntar ainda se é possível correlacionar este estudo aos índices de criminalidade na localidade? Ressalte-se que a população realocada, embora tenha sido indenizada pelos danos materiais, jamais foi indenizada sob o ponto de vista da identidade, da memória e da construção dos laços sociais então existentes.

O estudo se embasa em duas hipóteses, a primeira de que a identidade cultural passou

por mudanças oriundas do reassentamento involuntário havendo perda de valores da comunidade e em decorrência disto, existe um alto índice de criminalidade e a segunda a de que não houve uma forte mudança na identidade cultural e o elevado índice de criminalidade está ligado a ausência do Estado na localidade.

O objetivo central deste estudo é analisar as possíveis mudanças na identidade cultural da população do Projeto Fulgêncio em Santa Maria da Boa Vista -PE decorrentes do reassentamento involuntário e constatar se é possível correlaciona-las ao elevado índice de criminalidade na localidade. Este objetivo encontra possibilidade de diálogo com a ecologia humana, pois esta possui um caráter interdisciplinar e transdisciplinar que assume um caráter holístico, com problemáticas de estudos em novos paradigmas. (CARVALHO. 2007),

A ecologia humana possui um campo de origem empírica, para Pierson (2019), a ecologia humana não integra a sociologia propriamente dita mas participa do seu prelúdio, onde costuma passear uma margem da ecologia animal e vegetal. A ecologia humana possui como estudo as relações entre homens e a influencia no seu habitat, assim que também a influencia desse meio no individuo, e como as relações pessoais agem nas relações espaciais. A ecologia humana de acordo com Pierson possui como assunto as comunidades e suas formações e as competições entre as instituições humanas. Assim, a temática da criminalidade presente em uma localidade que passou por forte impacto cultural se mostra relevante para a pesquisa em ecologia humana.

2 METODOLOGIA

A pesquisa está caracterizada como bibliográfica de caráter exploratório, do tipo descritivo que se utiliza da análise do discurso lacaniana. Segundo Gil (1991), a pesquisa de caráter exploratório e tipo descritivo tem por finalidade proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses, bem como, o aprimoramento de ideias e a descoberta de intuições. “Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado”.

É possível afirmar que se trata de uma abordagem científica de caráter qualitativo que apresenta maior liberdade teórico-metodológica para realizar seu estudo. (DIEHL, 2004, p.12).

Em relação ao caráter exploratório que possui cumpre destacar que, o objetivo de uma pesquisa exploratória é familiarizar-se com um assunto ainda pouco conhecido, pouco explorado. Ao final de uma pesquisa exploratória o pesquisador conhecerá mais sobre aquele assunto, e estará apto a construir hipóteses. (GIL, 2008)

Esse trabalho é perpassado pela análise do discurso de diversos autores sobre a localidade abordada, bem como pelo discurso midiático acerca da criminalidade nas agrovilas. Segundo Fukue (2009) a análise do discurso se apresenta como uma teoria materialista dos sentidos, englobando ideologia, sujeito, linguagem e a História. Assim de acordo com o autor supracitado, a principal contribuição de Lacan para a Análise do Discurso foi sacramentar a fragmentação do sujeito pelo assujeitamento do Eu e do outro, assim pela constituição da heterogeneamento do discurso. O sujeito para a análise do discurso é uma posição material linguístico-histórica. O que importa para Lacan é aquele que é feito no discurso, na alteridade do simbólico. O autor ainda ratifica que o ponto de partida do sujeito na AD é o Outro da linguagem e historicidade.

Tfouni et al (2005), relembra que para a análise do discurso, a psicanálise lacaniana trabalha com dois conceitos, o real da língua e o real da história. O real da língua está associado com a aquilo que escapa a língua sujeita a falhas, já o real da história é que a história comporta a luta de classes. Onde afirma Lacan que a interpretação é uma significação e que tem por efeito fazer surgir um significante irreduzível, onde a interpretação não é aberta a todos os sentidos. Dessa maneira, na psicanálise o que há é uma interpretação que vai de encontro ao desejo e sintoma do sujeito. A análise das narrativas ocorre a possibilidade por onde o sujeito está ligado as ideologias. E esse sujeito interpelado pela ideologia também está dividido pelo inconsciente e que se ilude achando que é o senhor daquilo que está a dizer.

3 CRIMINOLOGIA CULTURAL

Segundo Cuco (2013), as regras e normas são quebradas pelo aumento do controle social e da criminalização das coisas triviais da vida, assim os criminosos aceitam os riscos das consequências de quebrarem as normas impostas, tornando-se um vício pela sensação de euforia pelas experiências a margem da lei.

O autor traz a uma breve revisão histórica da criação da disciplina denominada nova criminologia cultural nos anos 70. Esta escola foi desenvolvida por Jeff Ferrell e Clinton Sanders, porém há referências aos estudos da sociologia como Durkheim, Karl Marx, Robert Merton e na antropologia social por Michel de Certeau. (CUCO. 2013)

Esta escola estuda as diversas formas que a cultura se relaciona com o crime e controle deste na sociedade, assim o crime ganha uma significação nas ações dos delinquentes. Outros autores conceituam que é uma abordagem intervencionista da teoria do crime onde na cultura há a correlação do controle de criminalidade e o fenômeno da mesma. Assim nos estudos criminais dos Estados Unidos eram identificadas as singularidades das crescentes ondas de criminalidade por

negros em razão de respostas as atitudes raciais, havia o sentimento de inferioridade por disparidades de desigualdades econômicas, assim os crimes ocorriam em áreas negligenciadas pelo poder público, o submundo do crime ocorria da interdependência dos padrões de normatividade impostas, e ampla prevalência dos crimes de colarinho branco que eram subnotificados de acordo com os estudos das cifras por Sutherland. (1939)

Para Taft (1942) uma cultura normal não pode produzir crime anormal e por isso todas as pessoas deveriam ser consideradas criminosas e o crime em si ser tratado como normal. Duas observações são apresentadas pelo autor: a primeira é que o normal pode produzir o anormal, se os valores na cultura geral resultarem em diferentes experiências para uns do que para outros. Por exemplo, americanos valorizam a competição e o individualismo. Estas questões implicam experiências diferenciais porque alguns devem ter sucessos e outros falhas. Sendo assim, as falhas vão ajudar a explicar o crime. A segunda observação aponta para a originalidade de alguns tipos de crime. Esse conceito tem sido exagerado e sua semelhança com a exploração não criminosa muito pouco reconhecida.

Comportamentos aproximados ao crime são muito difundidos, como por exemplo, alguns tipos de grau de exploração dos companheiros são presumivelmente, um padrão de comportamento da maioria nos Estados Unidos, por isso, não é ilógico traçar o comportamento criminal a partir da cultura geral, sendo assim isso não vai implicar que todos são criminosos ou igualmente exploradores. (CUCO, 2013)

Para os adeptos da escola de Chicago, estes admitem que uma subcultura criminal não é só reconhecer a associação de pessoas a um crime, mas que há ações, significados, símbolos e conhecimentos sendo transmitidos e transformados. Assim as subculturas criminais explicam a forma que seus membros como devem entender e valorizar grupo que participam. Por subcultura se entende:

A subcultura delincente é um comportamento de transgressão que é determinado por um subsistema de conhecimento, crenças e atitudes que possibilitam, permitem ou determinam formas particulares de comportamento transgressor em situação específica. Subcultura não é uma manifestação delinencial isolada. A subcultura delincente tem como característica, justamente, a dimensão coletiva.

Os crimes cometidos pelo grupo segundo a Teoria da Subcultura Delincente, são cometidos em concordância com valores e as regras daquele grupo. Por isso o crime não é um ato isolado e sim de um grupo. As regras que fazem sentido para aquele grupo são diferentes ou contrárias às regras que vigoram no restante da sociedade. Estão em oposição, e isso não é por acaso, é realmente uma forma de contestação. (SANTOS, 2019)

Com fulcro no supracitado, as pessoas que mantêm o título de guardião da moral e dos bons costumes, tentam criminalizar os símbolos e atitudes que remetem ao grupo “X” de determinada subcultura. De forma inversa é o efeito de maior ampliação de poder dos símbolos relacionados a subcultura e assiduidade dos líderes que usam respectivo estilo ou que criaram ele. Assim a criminologia não deve se atentar ao fenômeno da criminalização, mas da cultura como um todo.

Nos estudos de Rocha et al (2014), na pós-modernidade, a criminologia apenas ocupava nas primeiras décadas com os fatores ambientais, genéticos e estruturais que levavam a um determinismo, dessa maneira resultando a omissão aos efeitos culturais do crime. A criminologia cultural possui a competência da análise da cultura dos comportamentos e fenômenos relacionados a transgressão. Das singularidades encontradas é notável o aspecto humano da criminologia cultural, porém o pequeno retrocesso que é o aumento da população carcerária no período de 1994 a 2010 no território brasileiro, e as leis de 2010 tiveram uma alta significação da carga punitivista estatal. (ROCHA et al. 2014)

Ainda segundo Rocha et al (2014), a criminologia cultural, o crime e as instituições de controle social devem ser interpretadas a partir de seus significados. Essa criminologia adota um caráter interdisciplinar da filosofia, antropologia, sociologia, geografia humana e espacial, os movimentos culturais e os meios de comunicação e como estes impactam ao fenômeno do crime. Para esta abordagem, leva a conclusões de que o crime é um estimulante, porém não se adequa às teorias deterministas, pois até as pessoas menos ou não determinadas pelo meio de acordo com as teorias positivistas cometem o crime. Desta forma, o mesmo relevando-se com uma faceta sedutora.

Outra determinante é o tédio, que atualmente é um mecanismo de controle social e sua quebra se dá pela transgressão, evitando a padronização. Mas as ações das pessoas que transgridem são consideradas subversivas, pois ameaçam novas formas de contenção e controle da sociedade. Quando recorre-se ao crime, demonstra-se a necessidade de individualização para desafiar as autoridades e culturas que predominam, evitando a normatividade dos comportamentos. A transgressão ocorre também como busca da identidade, forma de autoconhecimento e o sentimento de injustiça que o delinquente carrega para si como determinante da desigualdade econômica.

De tal maneira pode-se citar que a criminologia cultural nasce do movimento pós-criminologia crítica, visando aprimorar seus preceitos relativos ao etiquetamento social sem deixar de lado a prudência crítica diante das percepções. Tendo seus objetivos definidos pela interpretação das expressões culturais como forma de resistência e confrontação à ordem social e estética imposta. Diversos pesquisadores dessa área realizaram estudos profundos acerca de

variados grupos sociais. Tais como músicos de jazz, grafiteiros, motoqueiros, roqueiros, usuários de maconha, e bem como com o movimento punk, sobre as chamadas culturas, subculturas e contraculturas. (FREITAS, 2016)

Também a criminologia cultural se revela uma necessidade da modernidade tardia, ela faz toda a análise dos fenômenos culturais e urbanos de caráter de resistência a essa padronização imposta pelos mecanismos de controle. (FURQUIM, 2014)

Assim foi evidenciada pela criminologia cultural a repressão a determinadas culturas como a do hip-hop e rap, do grafite em face da consequência da guerra contra o narcotráfico, a coibir e inibir certos comportamentos culturais ditos como ofensivos a uma cultura padrão, semelhante ao surgimento do movimento punk nos anos 70 e post punk nos anos 80. (SANTOS, 2019)

O agente científico que trabalha na criminologia cultural tem o dever de participar ativamente como espectador daquela subcultura, incluído no grupo poder-se-á observar os seus comportamentos. Nesse processo de observação a mídia também é fator importante, pois como agente formativo, e detentor da opinião fora do senso comum, pode ou não ser um elo positivo ou negativo na transmissão e exposição das imagens que carregam os símbolos de determinado grupo, assim cita-se:

A partir da observação da estética dos grupos, verifica-se a existência de padrões e opções comportamentais diferentes dos demais (bailes nas ruas, consumo excessivo de álcool, estilo extravagante de se vestir e se comportar, entre outros), os quais podem caracterizar uma afronta face à cultura dominante. Essas manifestações, então, devolvem intensamente simbologias e emoções que definem as identidades de seus membros e reforçam seu status social marginalizado.

[...]

No contraponto, a mídia é fator importante, pois sua estrutura facilita a exposição de informações carregadas de simbologias e acaba por difundir elementos que influenciam seu receptor. Ocorre que a mensagem transmitida, por vezes, é carregada com interesses moralistas, veiculando conteúdos considerados indutores da criminalidade, com o objetivo de coibir espetáculos públicos de violências, libertinagem, e a iminência de existir crimes relacionados a um determinado grupo subcultural. (FURQUIM et al, 2015)

Para Linck et al (2010), é na cultura, onde se encontra os conflitos para construir e definir o conceito de crime, desde a criminalização primária e secundária revelada na produção de pânico moral e campanhas de difamação.

As estratégias de controle da violência apresentam uma característica recorrente, qual seja, o excesso, o dispêndio, o exagero, o descontrole e o gozo como valores essencialmente negativos. Portanto, de uma perspectiva ascética de controle: diminuir o público, diminuir o consumo de entorpecentes, diminuir a turbulência. Há sem dúvida inúmeros exemplos de consequências desastrosas do extravasar. Porém, também poderíamos citar uma multiplicidade de exemplos históricos onde o exagero é saudado e o excesso valorado positivamente, portanto, não há regras

no equilíbrio social. O exemplo das Raves parece interessante pois desnuda os limites dos projetos político-criminais moralizadores. Em vários estados, por exemplo, as festas Rave foram proibidas. O que os arautos dos bons costumes não se dão conta, é que esses eventos operam sobre outra lógica e que aquilo que é lícito e ilícito pouco importa. Tais festas surgiram na clandestinidade como forma de fugir da imposição de horários para fechamentos dos bares na cidade de Londres. Caso sejam proibidas apenas voltarão para o espaço de onde vieram: os entre-lugares afastados das normalidades, dos alvarás, das autorizações legais... Querem enquadrar nosso divertimento? Pois bem! Então nos divertiremos em ruínas de fábricas abandonadas ou no meio do mato. (LINCK et al, 2010).

Logo que a manipulação cultural pela indústria é uma das formas de controle do poder simbólico de acordo com Strehlau (2018), um monopólio do capital cultural e determinada classe que é dominada, da mesma forma os problemas gerados pelo campo político e suas interpretações do senso comum. Assim a própria violência é vendida e consumida em meios de entretenimentos, como bombardeios, ataques e tiroteios, sequestros, como um meio de entreter o ócio daqueles que não praticam o crime. Ao longo da história, a criminologia em seus primórdios se revela positivista a moldar e seguir os ditames do regramento científico das ciências naturais. A seguir o Darwinismo e determinismo biológico. Determinismo científico presente até na literatura brasileira na obra de Alúcio Azevedo em “O Cortiço”:

E aquilo se foi constituindo numa grande lavanderia, agitada e barulhenta, com as suas cercas de varas, as suas hortaliças verdejantes e os seus jardinzinhos de três e quatro palmos, que apareciam como manchas alegres por entre a negrura das limosas tinas transbordantes e o revérbero das claras barracas de algodão cru, armadas sobre os lustrosos bancos de lavar. E os gotejantes jiraus, cobertos de roupa molhada, cintilavam ao sol, que nem lagos de metal branco. E naquela terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa, começou a minhocar, a esfervilhar, a crescer, um mundo, uma coisa viva, uma geração, que parecia brotar espontânea, ali mesmo, daquele lameiro, e multiplicar-se como larvas no esterco.

[...]

Fechava a fila das primeiras lavadeiras, o Albino, um sujeito afeminado, fraco, cor de espargo cozido e com um cabelinho castanho, deslavado e pobre, que lhe caia, numa só linha, até ao pescocinho mole e fino. Era lavadeiro e vivia sempre entre as mulheres, com quem já estava tão familiarizado que elas o tratavam como a uma pessoa do mesmo sexo; em presença dele falavam de coisas que não exporiam em presença de outro homem; faziam-no até confidente dos seus amores e das suas infidelidades, com uma franqueza que o não revoltava, nem comovia. Quando um casal brigava ou duas amigas se disputavam, era sempre Albino quem tratava de reconciliá-los, exortando as mulheres à concórdia. Dantes encarregava-se de cobrar o rol das colegas, por amabilidade; mas uma vez, indo a uma república de estudantes, deram-lhe lá, ninguém sabia por quê, uma dúzia de bolos, e o pobre-diabo jurou então, entre lágrimas e soluços, que nunca mais se incumbiria de receber os róis. (AZEVEDO, 1997)

Notamos não uma literatura meramente descritiva e ficcional, mas o retrato contemporâneo da época daqueles que eram considerados criminosos, pessoas à margem da sociedade sendo comparados a esterco e larvas com termos biológicos pejorativos. Era a escola do naturalismo que divulgava as ideias de generalizar as prostitutas, pobres, negros e homossexuais como sujeitos desprovidos de direitos e determinados a cometer o crime. Estando explícito o velho

conceito de que o ambiente corrompe o bom em mau, presente na obra de Azevedo, que adotara a teoria do determinismo social, biológico e cultural. Esse determinismo ainda inspira as teorias das escolas bioantropológica, psicodinâmica e psicosociológicas. (BANDEIRA & PORTUGAL, 2017)

A escola de Chicago acredita que pela teoria ecológica ou desorganização social a cidade é orgânica, viva, possui interação social plena, e é um agente partícipe do crime. Há ainda a teoria da subcultura delinquente para a qual o crime não está no agente em si, mas na cultura que ele está inserido, onde o crime se legitima a partir de uma cultura minoritária dentro de uma predominante que sente ojeriza às atitudes do integrante divergente dos padrões. (SANTOS, 2019)

Pela teoria da anomia o crime é comum à natureza da sociedade, já esperada a ocorrência destes. Por fim a criminologia crítica possui o enfoque do processo de criminalização, estes advindos da opressão das lutas de classes, assim sendo analisada pelo plano da produção, aplicação e execução penal. (VILARINS, 2019)

4 REASSENTAMENTO FORÇADO

A pesquisadora Mariana Correa dos Santos (2015), traz o conceito de que os atingidos em qualquer situação superveniente, inclusive os reassentados devido construção de barragens, tem um sentido de legitimação. De forma, que ao receber sua devida indenização, reabilitação ou reparação, que não afete a pecúnia, dinheiro em si. Para esta autora, o conceito de “atingido” pode ser debatido em três esferas: a da legitimação, a esfera acadêmica e por último, a dos movimentos sociais.

Os estudos de Santos (2015), nos trazem à tona a relevância do Movimento de Atingido por Barragens, pois, derivado de conflitos e reivindicações contra as construções de barragens e o desalojamento destas pessoas que possuíam uma legitimação de direito às indenizações, mas eram reassentados. Estes movimentos possuem apoio dos ambientalistas que identificam a perda da qualidade de vida e ambiental dos atingidos, estes que são identificados como agricultores nas ocupações de trabalho.

Santos (2015), identifica ainda que no Movimento de Atingido por Barragens houve três momentos decisivos, a fase nacional, a fase em meados dos anos 1991 e 2002, e o terceiro momento está relacionado com a busca da democracia representativa de 2002, e que segue atualmente. Na fase nacional busca-se o reassentamento em terras que obtivessem a mesma qualidade das terras perdidas.

Na segunda fase houve a discussão da busca por meios alternativos de energia e o debate do

impacto ambiental das hidroelétricas, culminando em 1997 com o Encontro internacional dos povos atingidos por barragens. Tendo como consequência prática a Declaração de Curitiba, que unifica as lutas internacionais contra as construções de barragens, também instituído no dia 14 de março como Dia Internacional da Luta Contra as Barragens. (MAB, 2008)

Na terceira fase, o 2º Encontro do Movimento de Atingidos por Barragens (MAB), traz as ideias centrais que podem ser citadas:

1. Água e energia não são mercadorias. Água e energia são patrimônios do povo e devem estar sob o controle popular.
2. É necessário construir um modelo energético alternativo, com a utilização dos recursos naturais, que sirva aos interesses da classe trabalhadora, hoje e no futuro.
3. A luta é contra toda privatização da água e da energia (e reaver o já privatizado) e que se estende à luta contra as barragens e pelos direitos dos atingidos.
4. Lutamos também para combater a exportação de produtos de alta densidade energética (eletrointensivos) utilizados para fins da acumulação capitalista.
5. O MAB é um movimento nacional, autônomo, de massa, de luta, com direção coletiva, em todos os níveis, com rostos regionais, sem distinção de sexo, cor, religião, partido político e grau de instrução.
6. Nossa principal forma de luta é a pressão popular.
7. Só o povo organizado e consciente é capaz de transformar, pela raiz, as estruturas opressoras na sociedade.
8. Nossa prática militante é orientada pela pedagogia do exemplo.
9. Construiremos alianças com movimentos e com a sociedade no nível nacional e internacional.
10. A luta do MAB se alimenta no profundo sentimento de amor ao povo e amor à vida.

Água e energia não são mercadorias!

Nossa terra, nosso rio, não se vende; nossa terra, nosso rio, se defende!

Terra Sim, Barragens não!

Águas para a vida e não para a morte. (MAB, 2008)

Carvalho et al (2019) explica que as famílias que foram atingidas pela construção das barragens na Ilha de São José no Tocantins, ao perderem suas terras tiveram de acostumar-se com as mudanças nos modos de vida e os efeitos da desterritorialização e perda dos ofícios que eram transmitidos em gerações. Esses reassentados buscam reconstruir a vida, porém entram em conflito do saudosismo e afeto da terra que possuíam, sem contar as dúvidas de como se reerguer como reassentado. O empreendimento das barragens privou as pessoas do modo de vida, ou seja, a ligação com a natureza, por conseguinte a perda da identidade cultural e todos os traumas relativos a situação de reassentado.

Esses deslocamentos geram perdas sociais, culturais e econômicas que são individuais, e coletivas, os mesmos explicam que no Brasil não há uma conceituação definida e consensual sobre o conceito de “atingido”, este que se revela um dissenso jurídico, no qual as indenizações em dinheiro não validam os sentimentos e perdas sofridas pelos atingidos, esse privilégio das perdas de bens materiais desconsidera o imaterial presente na vida destas pessoas deslocadas de sua terra, de seus trabalhos econômicos que são embasados na contribuição familiar. (CHAVES et al, 2019)

Assim desrespeitando o direito a moradia adequada, fora os danos ambientais que violam as funções sociais dos contratos e da terra dessas pessoas que dependem especificamente da

propriedade rural que possuíam para sobreviver, é realizado o reassentamento como uma das formas de assegurar.

Pensar na identidade cultural dessas pessoas é entender que ela tem de ser produzida de maneira ativa. De acordo com Sousa et al (2016), os discursos se apropriam dos elementos de cultura regional destes povos nordestinos e são reproduzidos em escala nacional. A identidade cultural do povo nordestino é um fenômeno de autorreconhecimento e pertencimento, onde a nordestinidade dos povos reassentados ficam a margem. Para Britto Fialho (2016), apesar da migração da seca ser uma marca da população, ainda há uma ausência de historiografia deste fenômeno. Onde nos locais de conflito e trocas entre os atores da remodelação da nordestinidade surgem embates entre o novo e o velho segundo Verunschik (2015).

Já a invenção da nordestinidade que antes essas pessoas reassentadas estavam pertencidas, há uma breve revisão histórica realizada por Lima (2020), primeiro se localiza pela reafirmação da identidade cultural proposto por Gilberto Freyre ao lançar o Manifesto Regionalista em 1926, onde propunha um enaltecimento cego da cultura da região nordeste, referindo as tradições, mitos e ciclo da cana-de-açúcar. Porém com a exposição “Nordestes” na curadoria de Anjos (1999), verifica-se a ruptura estética, e que não há somente um nordeste, mas uma pluralidade do mesmo e das identidades culturais nordestinas.

Na área de reassentamento, estas pessoas realizam trabalhos que exigem técnicas rudimentares e de forma assalariada, há como consequência a perda dos territórios culturais e ligações simbólicas com a água de rios, riachos ou lagos próximos que estes mantinham como ponto de descanso e lazer. Com a referência da teoria das múltiplas identidades ou dinâmica, as pessoas reassentadas buscam preencher o vazio e vão se readaptando a nova terra, mas remetendo a processos simbólicos e afetivos. (SILVA et al, 2011). Que diga-se, o Tempo, resguardado pela memória, não consegue findar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que, a prática de deslocamento territorial para os reassentados revela a fragilidade e perda da identidade cultural que havia com a terra anterior que possuíam. Os atingidos sofrem profundos impactos estruturais, sociais, econômicos, humanos, afetivos, entre outros. Recebem à título de indenização um valor pecuniário que não supre as lacunas que foram abertas, muitas vezes o *quantum* indenizatório se perfaz um efetivo desrespeito aos sentimentos de afeto dos reassentados a terra que não tem mais a propriedade. .

A identidade cultural é perdida e vai se remodelando de maneira dinâmica por este grupo, para que possam subsistir, substituindo as perdas sociais, econômicas e culturais da realidade que lhe era, e em certo sentido continua intrínseca.

Esse contexto abre margem para a revolta, inconformidade com o novo contexto social, insatisfação existencial e até a criminalidade, se criando uma subcultura delinquente. Como já foi citado esta não é uma manifestação delinquencial isolada, mas ao contrário, a dimensão coletiva.

Em correlação ao projeto Fulgêncio, as modificações bruscas na comunidade, impactaram a qualidade de vida dos reassentados, gerando movimentos transgressores culturais e de subcultura, propiciando desta forma uma luta que é legítima, mas, devido a fatores os mais diversos já mencionados ao longo deste trabalho transformada no cometimento de crimes. A subcultura de natureza criminal consolidou uma espécie de pacto social, no qual existem regras próprias e determinadas condutas são aprovadas ou rejeitadas, havendo sanções próprias.

As políticas de reassentamento devem se tornar humanas e valorar as perdas não somente materiais, mas também as imateriais da população a ser indenizada com justiça e respeito em todos os seus direitos que foram violados. O Estado precisa atuar diretamente na implementação de políticas públicas que propiciem o retorno mínimo de uma uma condição humana pensada de forma totalizante e na integralidade.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. 30. ed. São Paulo: Ática, 1997.
- ANJOS, Moacir dos. Arte em trânsito. In: ANJOS, Moacir dos et al. **Nordestes**. Catálogo. São Paulo: Sesc Pompeia/Fundação Joaquim Nabuco, 1999.
- BANDEIRA, Thais & PORTUGAL, Daniela. **Criminologia**. Salvador: UFBA, Faculdade de Direito, Superintendência de Educação a Distância. 2017.
- BEGOSSI, Alpina. **Ecologia Humana: Um Enfoque das Relações Homem-Ambiente**. Santiago: INTERCIENCIA, 1993.
- BOAS, Franz. **Antropologia cultural**. Trad. Celso de Castro. – 6ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.
- CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Comissão de Dir. Humanos**, de 14/11/2001. Disponível em <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes...pdf/view>. Acesso em 04/04/2019
- CARVALHO, Francisco. **Da Ecologia Geral a Ecologia Humana**. Fórum Sociológico Online, 2007.
- CARVALHO, Graziane de Araújo Pitombeira; SIEBEN, Airton. **Da ilha de São José ao reassentamento coletivo Baixão em Babaçulândia (to): efeitos da Usina Hidrelétrica de Estreito na Amazônia**. Cuadernos de Geografía: Revista Colombiana de Geografía, vol. 28, n.º 1, 2019.
- CHAVES, Kena Azevedo; MONZONI, Mario; ARTUSO, Letícia Ferraro. **UHE Belo Monte: reassentamentos rurais, participação social e direito à moradia adequada**. São Paulo: V. 15 N. 2, 2019.
- CHESF. (1986). **Acordo entre a CHESF e trabalhadores rurais atingidos pelo reservatório da usina hidrelétrica de Itaparica**. Recife.
- CHESF. (1987). **Protocolo de normas complementares para execução do acordo celebrado em 06/12/1996**. Recife.
- CODEVASF. Fulgêncio. Disponível em <http://www.codevasf.gov.br/principal/perimetros->

irrigados/elenco-de-projetos/fulgencio. Acesso em 04/04/2019

CUCO, Arcênio Francisco. **Introdução a Criminologia Cultural: Novo Olhar Sobre o Velho Objeto**. Rio Grande do Sul: Anais de Ciências Criminais IV. 2013

DIEHL Astor Antônio; TATIM, Denise Carvalho. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas**. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

FERRELL, Jeff. **Crime e criminologia: um convite à criminologia cultural**. Revista Brasileira de Ciências Criminais, no 18, Ano 18, Jan. Fev. /2010.

FIALHO, Aline Britto. **A Identidade Regional Nordestina Nos Sistemas de Significação do Consumo de Moda**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2016.

FREITAS, Carolina Mota de Freitas. **Crime, cultura e controle social: considerações sobre criminologia cultural**. Revista Justiça e Sistema Criminal, v. 8, n. 15, 2016.

FUKUE, Mário Rafael Yudi. **Contribuições do Conceito de Identificação Imaginária Lacaniana para a Análise do Discurso**. Porto Alegre: IV SEAD - SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO 1969-2009: Memória e história na/da Análise do Discurso, 2009.

FURQUIM, Saulo Ramos; LIMA, Luiz Gustavo Stefanuto. **Aportes iniciais sobre a criminologia cultural e a pertinência no universo subcultural**. Natal: Revista Transgressões Ciências Criminais em Debate, 2015.

FURQUIM, Saulo Ramos. **A criminologia cultural e a criminalização das culturas periféricas. Discursos sobre crime, multiculturalismo, cultura e tédio**. Coimbra: Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. 2014.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro : Zahar, 1978.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1999.

HOFSTEDE, G. **Culturas e organizações: compreender a nossa programação mental**. 1.ed. - 2. reimpr. Lisboa: Edições Sílabo, 1991.

KORMONDY, Edward J & BROWN, Daniel E. **Ecologia Humana**. Tradução de Max Blum;

coordenação editorial da edição brasileira Walter A. Neves. São Paulo: Atheneu Editora, 2002.

LIMA, Sérgio Ricardo. **Barragem de Itaparica: vinte anos após o programa de reassentamento – (des) envolvimento e (des) estruturação de vidas**. Disponível em: http://www.ecsb2007.ufba.br/layout/padrao/azul/ecsb2007/anais/st4_BARRAGEM%20DE%20ITAPARICA.pdf. Acesso em 04/04/2019.

LIMA, Pedro Ernesto Freitas. **“Nordestinidade”: narrativas de circulação, legitimação e institucionalização na arte**. Brasília: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 76, p. 34-49, ago. 2020.

LINCK, José; MAYORA, Marcelo. **Criminologia e cultura contemporânea: Três proposições para uma criminologia pós-moderna**. Porto Alegre: Sistema Penal & Violência, v. 2, n. 2, 2010.

LOPES, J. R. **Cultura e Ideologia**. Taubaté: Robe/Cabral, 1995, p. 23-55.

MAB. **A luta dos Atingidos pro Barragens contra as transnacionais pelos direitos e pela soberania energética. Coordenação Nacional do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)**. São Paulo, 2008. Cartilha Pedagógica.

PERNAMBUCO, **Polícia Militar**. BG N° A 1.0.00.0 039, Recife, 1° de março de 2018. Disponível em http://www.pm.pe.gov.br/c/document/get_file?p_1_id=13026&folderId=423.pdf. Acesso em 05/04/2019.

PIERSON, Donald. **Ecologia Humana**. Paraíba: RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 18, n. 53, p. 219-227, agosto, 2019.

ROCHA, Álvaro Filipe Oxley da; SILVA, Simone Schuck da. **A Dinâmica Emocional do Desvio: Uma Análise em Criminologia Cultural**. Santa Catarina: Revista do CEJUR/TJSC: Prestação Jurisdicional Vol. I n° 2, 2014.

SANTOS, Jader. **A teoria da subcultura delinquente**. 2019. Disponível em: <https://canalcienciascriminais.com.br/a-teoria-da-subcultura-delinquente/>. Acesso em 20/11/2020.

SANTOS, Mariana Correa dos. **O conceito de “atingido” por barragens - direitos humanos e cidadania**. Rio de Janeiro: Revista Direito & Práxis, Vol. 06, N. 11, 2015.

SILVA, Rene Gonçalves Serafim; SILVA, Vicente de Paulo da. **Os Atingidos Por Barragens:**

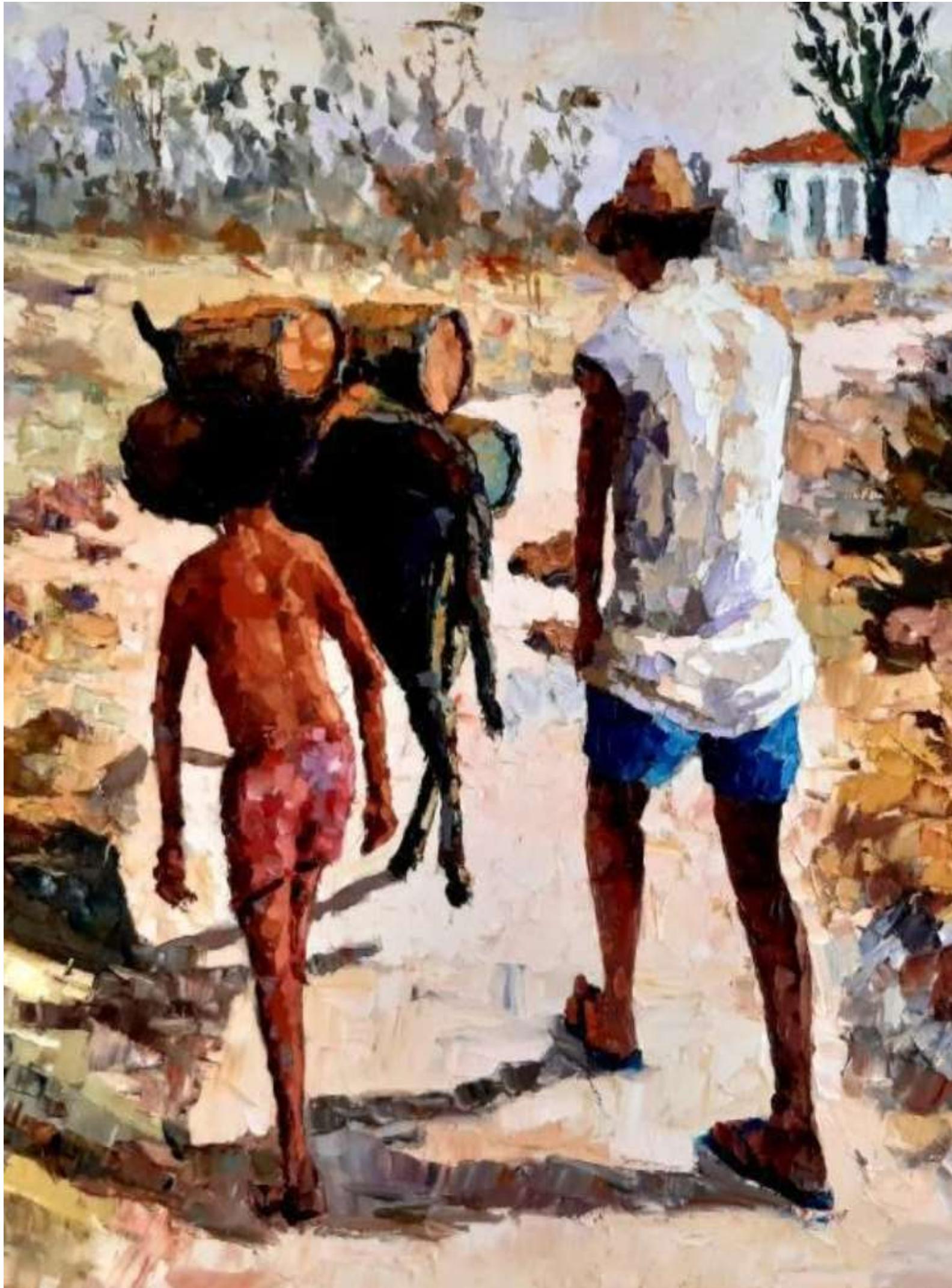


Figura 8- "A busca pela água" da série Sertão de Sérgio Amorim

A proposta inicial do trabalho que seria realizado em campo, não teve a possibilidade de se efetivar, em decorrência da pandemia do Covid-19, levando em consideração a impossibilidade da realização das entrevistas presenciais, na qual seriam aplicados os questionários semiestruturados, com amostragem de grupos de pessoas, por faixa etária, com ênfase aos idosos das agrovilas, que viveram nas terras das quais foram desapropriados e reassentados involuntariamente, este trabalho se reestruturou, obtendo dados através da análise de discursos, bem como de percepções teóricas acerca dos temas que envolvem a pesquisa.

O trabalho obteve êxito ao apresentar diferentes teorias culturais, da ecologia humana, antropologia cultural e antropologia criminal e foi possível estabelecer a correlação com a comunidade estudada.

Os dados levantados nesse estudo permitem a identificação de diversos fatores socioculturais e socioeconômicos, bem como a presença do Estado de forma insuficiente, havendo a ausência da implementação de políticas públicas na localidade, que promovam a cultura da paz e da não-violência, mas também de educação, alimentação, segurança, saúde, lazer e emprego (sobretudo, para os mais jovens que na ausência destas políticas básicas, previstas na Constituição Federativa do Brasil de 1988, terminam envolvendo-se no tráfico de drogas)

Ao analisar as mudanças na identidade cultural da população do Projeto Fulgêncio, em Santa Maria da Boa Vista-PE, decorrentes do reassentamento involuntário, não foi possível correlacioná-las diretamente, em dados estatísticos, ao elevado índice de criminalidade na localidade, tal pesquisa precisará ser realizada em momento posterior, no entanto,

Foi possível perceber como os diferentes atores sociais vivem e experimentam a cultura interagindo e criando significados aos objetos e às suas ações relacionadas ao mundo da política e da ausência do Estado.

Quanto à primeira hipótese acerca da identidade cultural ter passado mudanças bruscas oriundas do reassentamento involuntário, e estas se correlacionarem de modo intrínseco ao alto índice de criminalidade, a mesma não teve como ser evidenciada, em razão das limitações supracitadas. Já em relação a segunda de não ter existido forte mudança na identidade cultural, a mesma se mostra negativa, pois foi possível, constatar ainda que de forma mitigada, que foram mudanças extramamente bruscas na vivência cultural da comunidade em estudo, também foi possível constatar a ausência de ações efetivas do Estado, na promoção de políticas públicas que busquem o resgate das tradições, costumes e demais aspectos que se perderam.

Pelos dados examinados é possível contemplar que a figura do sertanejo, apesar de ser estereotipada pela utilização errônea em obras literárias, deve ser maximizada e não mais vista sob a ótica reducionista. Se percebeu que o sertão nordestino ainda é um mistério a ser explorado, sua cultura resiste e em algumas regiões remotas permanece intocável nos moldes do século XXI, porém em outras subregiões existe uma grande pluralidade cultural, singularidades antropológicas, uma grande gama de possibilidades que não pode ser reduzido ao esteriótipo. Ressalta-se que existem elementos comuns, que geram a identidade cultural deste povo, mas identidade não significa uniformidade cultural.

A pesquisa reflete que as modificações bruscas na comunidade que hoje está reassentada no Projeto Fulgêncio, impactaram a qualidade de vida da população, gerando movimentos transgressores culturais e de subcultura, propiciando desta forma uma luta que é legítima, mas, devido a fatores os mais diversos já mencionados ao longo deste trabalho transformada no cometimento de crimes. A subcultura de natureza criminal consolidou uma espécie de pacto social, no qual existem regras próprias e determinadas condutas são aprovadas ou rejeitadas, havendo sanções próprias.

Foi possível a constatação de que as políticas de reassentamento devem se tornar humanas e valorar as perdas não somente materiais, mas também as imateriais da população a ser indenizada com justiça e respeito em todos os seus direitos que foram violados. O Estado precisa atuar diretamente na implementação de políticas públicas que propiciem o retorno mínimo de uma uma condição humana pensada de forma totalizante e na integralidade.

Por fim, espera-se que esse estudo contribua para a implementação de políticas públicas na localidade, que propiciem a consolidação de uma comunidade local perpassada pela cultura da paz e da não violência, que só será possível quando os direitos e garantias fundamentais previstos na Carta Magna da República Federativa do Brasil de 1988 estejam sendo observados e cumpridos.

Referências da Apresentação e Introdução

CAMPBELL, Bernard. **Ecologia Humana**. Edições 70. 1988.

DIEHL Astor Antônio; TATIM, Denise Carvalho. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas**. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

FUKUE, Mário Rafael Yudi. **Contribuições do Conceito de Identificação Imaginária Lacaniana para a Análise do Discurso**. Porto Alegre: IV SEAD - Seminário de Estudos em análise do discurso 1969-2009: Memória e história na/da Análise do Discurso, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 20018

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papyrus, 1990.

IBGE 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/santa-maria-da-boa-vista>.

Acesso em 15/05/2021

PARK R. E. **The City**. University of Chicago Press, Chicago, 1970.

ROBB, Peter. **M: el enigma de Caravaggio**. Traducción de Stella Mastrangelo. Barcelona: Alba Editorial, 2005.

ANEXO I



Jaboatão dos Guararapes, 23 de Agosto de 2021

Ilmos. Srs.

Anderson Wagner Santos de Araújo e Carlos Alberto Batista Santos

Prezados Senhores,

Informamos que o artigo intitulado “**ECOLOGIA HUMANA E ANTROPOLOGIA CULTURAL DO HOMEM DO SERTÃO RIBEIRINHO DO SÃO FRANCISCO**”, foi aceito para publicação, na edição de número 57, da ID on Line REVISTA MULTIDISCIPLINAR E DE PSICOLOGIA – ISSN: 1981-1179, com previsão de ir ao ar dia 31 de Outubro de 2021.

Atenciosamente,

Gislene Farias de Oliveira
Editora-Gerente
E-mail: revistaidonline@gmail.com
<http://idonline.emnuvens.com.br/id>



ANEXO II



Brazilian Journal of Development

CARTA DE ACEITE

A Revista Brazilian Journal of Development ISSN 2525-8761, Qualis B2, editada pela Brazilian Journals publicações de periódicos e editora LTDA. (CNPJ 32.432.868/0001-57), declara que o artigo “A IDENTIDADE CULTURAL NO PROJETO FULGÊNCIO, SANTA MARIA DA BOA VISTA-PE” de autoria de Anderson Wagner Santos de Araújo e Prof. Dr. Carlos Alberto Batista Santos, foi aceito para publicação.

Por ser a expressão da verdade, firmamos a presente declaração.

São José dos Pinhais, 27 de agosto de 2021.

Prof. Dr. Edilson Antonio Catapan
Editor Chefe